

“REVOLUÇÕES COLORIDAS”: “gritos” para as câmeras, *hashtag* alegria alegria, das “sombras” golpeamos a democracia

“COLOR REVOLUTIONS”: “stagings” to the cameras, *hashtag* joy, joy, from the “shadows” we strike democracy

“REVOLUCIONES DE COLOR”: “gritos” a las cámaras, *hashtag* alegría, alegría, desde las “sombras” golpeamos la democracia

Recebido: 30/05/2022 | Revisado: 09/06/2022 | Aceito: 12/06/2022 | Publicado: 24/06/2022

Roberto Mauro da Silva Fernandes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8827-365X>

Universidade Federal de Alfenas, Brasil

E-mail: robertomauro.fernandes@hotmail.com

Resumo

A partir dos anos 2000 uma série de manifestações em massa foram registradas Leste europeu, na Ásia central, norte da África e América Latina, a esses movimentos foram creditadas as alterações de governo que ocorreram nestas regiões. Estes grandes protestos ficaram conhecidos como “revolução colorida”. De acordo com a imprensa tradicional tais ações foram protagonizadas por diferentes segmentos sociais que estavam descontentes com seus governos, bem com, protestavam contra ditaduras. No entanto, há indícios de que as “revoluções coloridas” são ferramentas geopolíticas que fazem uso do sistema democrático para alterar governos. Logo, o objetivo desta discussão refletir sobre aspectos da infraestrutura que dá condições para que as “revoluções coloridas” possam ser preparadas e depois executadas, vamos demonstrar como alguns atores se movimentam na “superfície” e nas “sombras” da rede internacional que opera as “revoluções coloridas”. Para tal, realizamos pesquisa bibliográfica, bem como, no apoiamos teoricamente na teoria da Guerra Híbrida.

Palavras-chave: Revolução Colorida; Guerra Híbrida; Democracia; Golpe de Estado.

Abstract

Starting in the 2000s, a series of mass demonstrations led to changes in governments in Eastern Europe, Central Asia, North Africa and Latin America. These large protests became known as the “color revolution”. According to the traditional press, such actions were carried out by different social segments that were unhappy with their governments, as well as protesting against dictatorships. However, there is evidence that “color revolutions” are geopolitical tools that make use of the democratic system to change governments. Therefore, the objective of this discussion is to reflect on aspects of the infrastructure that provide conditions for the “color revolutions” to be prepared and then executed, we will demonstrate how some actors move on the “surface” and in the “shadows” of the international network that operates the “color revolutions”. To achieve the objective, we carried out bibliographic research, as well as, we theoretically support the theory of Hybrid War.

Keywords: Color Revolution; Hybrid Warfare; Democracy; Coup d'etat.

Resumen

A partir de la década de 2000, una serie de manifestaciones masivas condujo a cambios en los gobiernos de Europa del Este, Asia Central, África del Norte y América Latina. Según la prensa tradicional, tales acciones fueron realizadas por diferentes segmentos sociales que estaban descontentos con sus gobiernos, además de protestar contra las dictaduras. Sin embargo, hay evidencia de que las “revoluciones de color” son herramientas geopolíticas que hacen uso del sistema democrático para cambiar gobiernos. De esta forma, el objetivo de esta discusión es reflexionar sobre aspectos de la infraestructura que generan condiciones para que se puedan preparar y luego ejecutar “revoluciones de colores”, demostraremos cómo se mueven algunos actores en la “superficie” y en las “sombras” de la red internacional constituida para promover las “revoluciones de color”. Para lograr el objetivo, realizamos una investigación bibliográfica, así como, sustentamos teóricamente la teoría de la Guerra Híbrida.

Palabras clave: Revolución de Colores; Guerra híbrida; La Democracia; Golpe de Estado.

1. Introdução

A partir dos anos 2000 uma série de manifestações de massa levaram a mudanças de governos no Leste europeu, na Ásia central, norte da África e América Latina (Fagundes, 2020; Engdahl, 2009). A princípio as manifestações são resultado da organização popular e vista pela mídia tradicional, em especial os grandes grupos de mídia em diferentes países, como manifestações “espontâneas”. Estes grandes movimentos de massa ficaram conhecidos como “revoluções coloridas”.

As manifestações têm em comum a utilização de táticas não violentas (Sharp, 2010) e técnicas de enxame (grupos que se movimentam em “células”, como um enxame de abelha) e a utilização de tecnologias para atuar em rede (método de guerra de Ghengis Kahn) (Engdahl, 2009). De acordo com as mídias tradicionais, tais ações diretas são protagonizadas por estudantes, trabalhadores de classe média e outros segmentos sociais descontentes com as estruturas de governo e com características pró-democracia, assim, os protestos teriam como motivação o combate a corrupção, desemprego e injustiças sociais, bem como, em diferentes partes do mundo, os manifestantes lutavam contra a tirania e totalitarismos.

As “revoluções coloridas” foram assim denominadas, pois os manifestantes utilizam vestimentas da mesma cor e geralmente os participantes estão cantando, sorrindo e se divertindo, daí o nome “colorida” das manifestações. Por exemplo, na Ucrânia a cor laranja foi predominante, na Geórgia (2003) e Quirguistão (2005) o rosa identificava a massa em ação, no Irã, em 2009, os protestos foram marcados por pessoas com roupas verdes, no caso brasileiro - a fase bolsonarista (a partir de 2015) de “revoluções coloridas” – foi marcada por manifestantes com camisetas verde-amarelas¹. Outro símbolo deste fenômeno é a *Otpor* (que significa “resistência”), grupo criado na Sérvia e que liderou as manifestações de rua contra o governo de Milosevic, até então presidente do país, seu símbolo (um punho fechado) foi visto em diversas manifestações ao redor do mundo.

No entanto, além de tais coincidências, as manifestações “espontâneas” foram registradas e causaram alterações nos sistemas políticos de países que eram aliados (políticos e/ou econômico e/ou estratégicos) da Rússia ou que não estavam alinhados a política externa dos Estados Unidos. Além disso, os protestos foram registrados em regiões e territórios estratégicos, sobretudo, próximos e ricos em recursos naturais, em especial petróleo e gás natural.

Desta maneira, para alguns analistas as “revoluções coloridas” são instrumentos que fazem uso do sistema democrático para alterar governos em prol de um agente externo, isto é, são armas geopolíticas que alteram as dinâmicas políticas e sociais de um determinado Estado Alvo inimigo; para Andrew Korybko as “revoluções coloridas” são golpes brandos, instrumentos de desestabilização de governos que estão no interior de táticas de guerra que fazem uso de abordagens indiretas, isto é, um agente externo – por meio de outros agentes no âmbito doméstico – é que na realidade organiza e manipula as massas contra as lideranças políticas. Assim, no contexto das revoluções coloridas existem ações que estão na “superfície” – com personagens que devem aparecer – e comandos e movimentações nas “sombras”, que ocorrem longe dos olhos dos telespectadores e são camufladas por uma série de discursos.

Engdahl (2009) afirma que as “revoluções coloridas” são revoluções eleitorais, são operações cuja engenharia instrumentaliza a democracia e as urnas, ensejando a vitória do candidato alinhado com o agente externo. A prática comum nesses casos é a articulação de manifestações populares coincidindo com manipulação das redes sociais e disseminação de discursos que contestam o resultado das urnas. Esses procedimentos, por exemplo, estiveram presentes na Sérvia (2000), Ucrânia (2004), Venezuela (2004 e 2015), no Brasil (2014), Honduras (2009) e Bolívia (2019). Sussman e Krader (2008) dividem da mesma opinião, ademais, apontam que as articulações políticas “coloridas” foram “fabricadas” para promover mudanças de regime, os autores explicam que o agente externo faz uso de aliados como ONGs que auxiliam no financiamento e treinamento de organizações (entre as quais a *Otpor*) para manipularem as eleições e conduzirem os protestos.

Engdahl (2009), Sussman e Krader (2008), Korybko (2015) e Fagundes (2020) são taxativos ao afirmar que as “revoluções coloridas” que influenciaram e alteraram regimes políticos no Leste europeu, na Ásia central, nas Américas e no Norte da África são ferramentas de intervenção geopolítica dos Estados Unidos da América em conjunto com a União Europeia/Otan. De acordo com Nogueira (2009), a União Europeia teve participação direta nos processos que influenciaram as eleições na Geórgia (2003), Ucrânia (2005) e Quirguistão (2005), não há como pensar em intervenção estadunidense nos antigos territórios da União Soviética sem participação da UE, visto a Organização do Tratado do Atlântico Norte.

Pensando na realidade da América Latina, o debate sobre “revoluções coloridas” parece estar distante, mas na realidade, tais articulações “pró-democráticas” estão em absoluto vinculadas a realidade latino-americana. Primeiro porque as “revoluções coloridas” estão relacionadas a um novo tipo de enfrentamento entre Ocidente e Rússia (Ortega, 2009), Rússia que é aliada a China cuja projeção econômica está suplantando o lugar dos Estados Unidos como potência econômica e influenciadora de projetos no mundo, logo, ações do ocidente (entenda EUA e UE) contra Rússia afetam diretamente o território chinês; inclusive Engdahl (2009), relata que as manifestações protagonizadas por jovens em Hong-kong tem muita semelhança com os movimentos da Opor na Sérvia. Segundo, pois a América Latina é zona de influência histórica dos Estados Unidos, em especial a América do Sul; e levando em consideração que a China é parceira econômica das duas principais economias da região, é de interesse do eixo EUA-UE que os governos sul-americanos, sobretudo o Brasil, sejam pró-Estados Unidos. E terceiro, o debate sobre “revoluções coloridas” é de suma importância para as sociedades latino-americanas, visto existir indícios desses fenômenos em diferentes países do continente. No Brasil por exemplo, o atual presidente da república, que está sendo apoiado por um consórcio de generais (Leirner, 2020), vem publicamente disseminando a ideia de que as eleições de 2022 serão fraudulentas, assiduamente, realiza acusações contra o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Como já mencionamos, as “revoluções” no Leste europeu partiram desse argumento, bem como esse discurso já foi utilizado no Brasil, pelo ex-candidato à presidência Aécio Neves, logo após o resultado das eleições presidenciais de 2014.

A partir de tais pressupostos, o objetivo desta discussão é refletir sobre aspectos da infraestrutura que dá condições para que as “revoluções coloridas” possam ser preparadas e depois executadas. Refletir significa 1) apresentar algumas das táticas e estratégias utilizadas para promover reviravoltas a partir do sistema democrático e 2) demonstrar como os sujeitos se movimentam na “superfície” e nas “sombras” na rede internacional que está por trás do fenômeno ora discutido.

Trata-se de um tema que para os mais desavisados pode parecer teoria da conspiração, no entanto, é um debate que trata de um fenômeno atual e que está presente, com elementos similares, em diferentes sociedades, vide o exemplo das “fakes news” que ajudaram a eleger presidentes no Brasil e nos Estados Unidos, as famosas notícias falsas são um dos instrumentos das operações psicológicas (PsyOPs) que subsidiam as articulações em enxame, bem como, são fundamentais nas campanhas de manipulação das informações que podem decidir os resultados das urnas. Ademais, é um debate que traz à tona teoria geopolíticas importantes, como a de Halford Mackinder sobre o *heartland*. No artigo de 1904, “O Pivô geográfico da história”, Mackinder identifica a Rússia e Ásia central como o “coração da terra” (*heartland*) e afirmava que quem detivesse o controle dessas regiões dominaria a “Ilha-mundo” da Eurásia, mais tarde em 1919 escreveu que o Leste Europeu era a porta para o Heartland e conseqüentemente aquele que dominasse o a ilha-mundo dominaria o mundo.

Neste exato momento da história, estamos presenciando uma guerra em território ucraniano, o embate entre Rússia, Ucrânia, OTAN/União Europeia e EUA pelo controle do *heartland* é nítido, em especial, pois trata-se atualmente de área estratégica em recursos naturais importantes para o andamento das estratégias estadunidense, europeias e Russa e Chinesa e que tem influência direta nas dinâmicas políticas e econômicas de diversos territórios do planeta, inclusive no Brasil.

Além do mais, é preciso informar que as “revoluções coloridas” fazem parte da estrutura de Guerra Híbrida, que são iniciadas com as manifestações “espontâneas” e progredem para uma guerra não convencional, como foi o caso da Síria (2011)

e Ucrânia (Revolução da Dignidade), em 2014 (Korybko, 2015), no entanto, é preciso informar que estratégias de Guerra Híbrida também são utilizadas pela Rússia, mas são diferentes dos articuladores estadunidenses, os russos fazem uso de forte componente informacional e cibernético, utilizam-se da pressão diplomática e econômica e lançam mão de suas capacidades militares convencionais (Neuenfeld, 2021).

A título de exemplo, a ofensiva militar russa na Ucrânia em 2022 é parte de suas operações de Guerra Híbrida; a “operação militar especial” lançada por Vladimir Putin foi antecedida por etapas de operações psicológicas (PsyOPs) e cibernéticas e ações indiretas de dissuasão com métodos militares e não militares; após a Revolução da Dignidade na Ucrânia em 2014, articulada pelos Estados Unidos, os russos colocaram em prática as táticas cooptação de agentes pró-russos na Criméia, articularam operações psicológicas e de apoio a separatistas na região de Donbass, pressionaram a União Europeia nas instâncias internacionais com a questão do comércio dos recursos naturais para que não apoiasse a admissão da Ucrânia na Otan (Neuenfeld, 2021) e por fim enviaram as suas tropas convencionais. A Guerra Híbrida norte-americana faz uso de abordagens indiretas, ou financiam distúrbios ou se utilizam da Otan para mobilizar invasões, além de oferecer o apoio logístico; isso explica a pressão de John Biden para incorporar a Ucrânia na organização e o envio de armas e mercenários para enfrentar as tropas russas. Mas, não vamos falar sobre a conjuntura ucraniana, estamos apenas destacando que as maiores potências militares do planeta, Rússia e Estados Unidos, no século XXI, utilizam estratégias de Guerra Híbrida, logo, não é uma questão de tomar partido, não se trata disso, o objetivo aqui é demonstrar as técnicas e estratégias de uma das armas geopolíticas da escola de Guerra Híbrida estadunidense.

Desta Maneira, além desta introdução, este texto está dividido em mais três seções. Na segunda, vamos apresentar nossa metodologia e alguns detalhes sobre a teoria que sustenta nosso debate, a teoria da Guerra Híbrida de Adrew Korybko. Na terceira vamos debater as articulações, táticas e técnicas que possibilitam a materialização das “revoluções coloridas”, vamos demonstrar algumas das etapas públicas e veladas desta arma geopolítica promotora de golpes brandos que utiliza a democracia. A quarta e última seção foi reservada para as nossas considerações finais.

2. Metodologia

É preciso acentuar que esta discussão reflete sobre questões político-estratégicas relacionadas ao mundo pós-soviético e unipolar, trata-se também de um tema que está na pauta de relatórios oficiais de segurança e defesa de governos (Neuenfeld, 2021). Ademais, a nossa discussão se aproxima de conjunto significativo de pesquisas realizadas nos últimos vinte anos sobre guerras de quarta e quinta geração, tais como Liang e Xiangsui (1999), Kuehl, 2002, Hammes (2004), Reed (2008) Van Niekerk e Maharaj (2012), Hatch (2019) e Lilly e Cheravitch (2020). Esses trabalhos versam especificamente sobre a participação de atores não-estatais em conflitos, adoção de táticas assimétricas contra atores com poder bélico superior, táticas de neutralização do inimigo sem o uso da violência (tática de implosão) e uso de estratégias informacionais para realização da guerra.

Reed (2008), por exemplo, analisa as técnicas de incapacitação e desmobilização do inimigo através de ações impactantes nos domínios cognitivo, social e da informação; Kuehl (2002), por outro lado, debate as temporalidades da guerra de informação, as batalhas ocorrem em tempo de paz e de guerra, daí a importância das chamadas “fake News” nos debates sociais contemporâneos, elas são armas de guerra, são parte das Operações Psicológicas (PsyOPs) inerentes a guerra de quinta geração; no meio militar, as “fakes news” são conhecidas como ferramentas de desinformação digital. Já Hatch (2019) e Lilly e Cheravitch (2020) refletem sobre operações militares de informação e cibernéticas, nas primeiras estão as PsyOps e ações de desinformação realizadas em teatros de operações como as redes sociais, o escopo é influenciar posicionamentos políticos e comportamentos de um público-alvo para desestabilizar governos e instituições nacionais. As operações cibernéticas utilizam-

se, por exemplo, de Computer Network Operations (CNO) para corromper sistemas de informação, trata-se de uma operação dos setores de inteligência.

No entanto, o nosso debate está mais próximo da visão de um grupo de autores que discutem os processos de transição democrática nos países que outrora estiveram sobre a influência da União Soviética, apontam a interferência do ocidente nas áreas de influência da Rússia, em especial, com a utilização de método e técnicas não convencionais (da guerra de quarta geração), esses autores não convergem em todos os sentidos, mas partem do princípio de que agentes ocidentais, sobretudo os Estados Unidos, de alguma forma estavam envolvidos nas “revoluções coloridas”, neste sentido, Mark MacKinnon (2007) em “The New Cold War”, Sreeram Chaulia (2006) em “Democratization, NGOs and ‘Color Revolutions’” e Vladimir Simonov (2005) em “Russia Devises Protection Against Color Revolutions” argumentam que as “revoluções coloridas” foram financiadas pelos estadunidenses; porém, existem pesquisadores que reconhecem o apoio do ocidente nas mudanças de regime, mas afirmam que a ajuda foi possível, pois já havia uma organização prévia da sociedade civil. Neste grupo estão Michael McFaul (2005) (Transitions from Postcommunism), Bunce e Wolchik (2006) (Favorable Conditions and Electoral Revolutions), Henry Hale (2005) (Democracy, Autocracy and Revolution in Post-Soviet Eurasia).

Portanto, nosso estudo está relacionado e transita pelos debates das guerras de quarta e quinta geração, mas especificamente discute a relação entre operações de informações e abordagens indiretas não convencionais, como é o caso das “revoluções coloridas”; além do mais, converge com as ponderações de MacKinnon (2007), Chaulia (2006), Simonov (2005). Dessa forma, para subsidiar a reflexão vamos fazer uso da teoria da Guerra Híbrida de Andrew Korybko.

Para Korybko (2015), os Estados Unidos implementaram um novo modelo de guerra cujo estágio inicial ocorre com a implantação de uma “revolução colorida” (um golpe brando) e em seguida é colocado em prática um golpe rígido, por meio de uma guerra não-convencional, instalado caso o primeiro estágio fracasse. Korybko (2015) define guerra não convencional como:

[...] qualquer tipo de força não convencional (isto é, grupos armados não oficiais) envolvida em um combate largamente assimétrico contra um adversário tradicional. Se consideradas em conjunto em uma dupla abordagem, as revoluções coloridas e a guerra não convencional representam os dois componentes que darão origem à teoria da guerra híbrida [...] (Korybko, 2015).

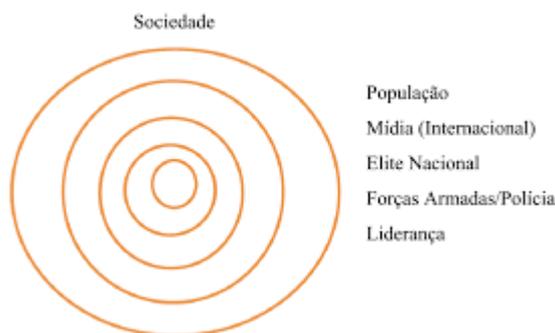
O autor criou a teoria para explicar novo método de guerra indireta perpetrada pelos EUA. Nesta, a abordagem indireta é fundamental, visto não necessitar da participação direta do agente externo, que pode agir por trás do palco por meio de ONGs, organizações políticas, artistas, empresários, políticos e, sobretudo, utilizando o sistema democrático, daí a importância das “revoluções coloridas” ativadas a partir de um evento chave (um “vírus”, diz Korybko) no interior do próprio sistema, este evento pode ser plantado ou aproveitado pelos agentes que já estão atuando no território do Estado Alvo (como o protesto do Movimento Passe Livre no Brasil ou o ato do comerciante informal que ateou fogo no próprio corpo, desencadeando os protestos que tomaram conta da Tunísia em 2010/2011). As “revoluções coloridas” são o instrumento da abordagem indireta que quando desencadeadas, na maioria dos casos, conseguem adesão de outros setores da população.

Andrew Korybko explica que as adesões às manifestações ocorrem porque diferentes segmentos sociais previamente já estavam sendo preparadas por Operações Psicológicas, através das mídias sociais, da grande mídia, de filmes, propagandas televisivas, músicas, aplicativos de comunicação, como whatsapp e twitter, eficientes na propagação de fake news, etc.; assim a demografia-alvo vai sendo sensibilizada e quando o “vírus” é lançado, a população começa aderir ao movimento “espontaneamente” e a “revolução colorida” é instalada. O objetivo dela é tomar o poder e derrubar o governo e proporcionar a união de diferentes segmentos sociais em enxame. Na teoria, a população em enxame (de abelha) tem como missão romper

camadas estratégicas do Estado, o que o autor denomina de cinco anéis demográficos (com está disposto na figura 1): 1) a população, 2) mídia (internacional), 3) Elite nacional, 4) Forças Armadas/Polícia e 5) liderança.

A intenção é atingir o anel interno, o escopo é unir camadas da população (primeiro anel) e dar a impressão para os outros setores da sociedade que a união é em massa, por isso a ação em enxame, tomando os espaços em massa, com muito barulho, cores parecidas, a ideia de um mesmo objetivo contra temas gerais (corrupção, políticos, etc.). O objetivo é chamar a atenção da mídia nacional e internacional, os informes ajudam a intensificar as manifestações, contribui para passar a mensagem de revolta “espontânea”, assim o segundo anel é atingido. O terceiro alvo é a elite, além da mídia ajudar nos enxames, ela pode insuflar ainda mais a população contra o governo mediante ao comportamento das elites em relação aos protestos, as últimas podem influenciar a mídia e a população, mas não as forças de segurança (forças armadas e polícia); o alvo seguinte, que vão vir ao socorro do alvo-núcleo, caso conseguirem repelir a ofensiva, está armado o cenário para a guerra não convencional (processo que ocorreu na Ucrânia em 2014 - em baixa intensidade – e na Síria, em maiores proporções). Korybko (2015) ressalta que esse modelo sofre variações conforme o Estado-Alvo, mas o padrão dos agentes estabilizadores é adaptar a “revolução colorida” de acordo com a cultura, logo, há um estudo minucioso dos aspectos demográficos (o que o autor denomina de processo adaptativo) e desta maneira, cada Estado Alvo vai vivenciar situações singulares. Ademais, no processo de instalação das PsyOPs, a intenção é conquistar o indivíduo através do conceito de família e pertencimento a nação, sem esse fator, a “revolução colorida” não tem êxito².

Figura 1: Cinco anéis estratégicos.



Fonte: Korybko (2015).

Para Korybko (2015), a Guerra Híbrida passou a ser mecanismo da política externa estadunidense em decorrência da formação de uma ordem multipolar na qual há evidentes sinais de declínio da sua hegemonia e em consequência do reaparecimento da Rússia no cenário internacional com paridade nuclear com os EUA. Logo, a Guerra Híbrida é mecanismo preponderante na estratégia de “liderança velada” dos norte-americanos em relação as áreas que consideram estratégicas. Tal política consiste em dar apoio indireto e realização de assistência militar indireta (“trabalho sujo” por trás do palco), ao invés de utilizar as forças armadas regulares:

Ela conta com o uso de aliados/“líderes” regionais na qualidade de procuradores para favorecer os objetivos geoestratégicos e geopolíticos dos EUA através de medidas assimétricas de guerra de quarta geração [guerra não convencional] [...] Estratégias convencionais para a troca (forçada) de regimes (Panamá, Afeganistão, Iraque) foram possíveis em um mundo unipolar, mas com o momento unipolar desvanecendo, os EUA se veem obrigados a reviver o modelo de liderança velada com que flertaram pela primeira vez durante a guerra Soviético-Afegã. O primeiro indício oficial de que os EUA estavam caminhando para essa estratégia foi o comportamento durante a guerra do Líbano de 2011, a primeira vez na história em que a alcunha “liderança velada” foi usada (Korybko, 2015).

Korybko (2015), afirma que a estratégia de liderança velada pode ser aplicada tanto na “revolução colorida” quanto na guerra não convencional. Em relação às revoluções coloridas, os EUA agem (lideram) por trás do palco, fabricando a desestabilização com uso dos seus aliados no Estado alvo para concretizar o plano, ademais, na estratégia é importante que um governo pró-EUA seja fronteiro com o Estado que está sob o ataque por meio da “revolução colorida”, assim serve de base logística para os organizadores e participantes das manifestações, bem como, pode atuar fazendo pressão para o Estado alvo não reagir contra a tentativa de golpe, o que abre precedentes para interferência militar não convencional (em especial se o Estado de apoio for membro da OTAN) e depois convencional (no caso da Síria, a Jordânia e Turquia cumpriram tal papel).

Como os EUA, não podem mais utilizar métodos unilaterais do contexto de unipolaridade, Andrew Korybko, afirma que o Pentágono passou a instrumentalizar processos de desestabilização na periferia russa, em especial nos países do “Balcãs euroasiático” (Zbigniew Brzezinski cunhou esse nome para apontar os países que estão entre a fronteira da Rússia e China), assim, o objetivo do Estados Unidos passou a ser financiar campanhas de sabotagem geopolíticas com a aparência de movimentos em favor da democracia ou confrontos civis apoiados de fora:

[...] um combo dos dois poderia levar a nocaute os pesos pesados da Eurásia, em especial a Rússia. A novidade dessa abordagem é que, para ser bem-sucedida, basta semear o caos e criar forças centrípetas que por si só ameacem dilacerar uma sociedade-alvo. Ela não precisa derrubar um governo em si para dar certo –, precisa tão somente fazer com que a sociedade se divida, e a incerteza em larga escala, arauto do caos social, faz o resto. Essa combinação de vácuo e sucção [...] cria um impasse geopolítico, que, por sua vez, representa um enorme desafio para o Estado indiretamente visado [...] tomar iniciativas dentro das fronteiras do país diretamente desestabilizado. De um jeito ou de outro, o Estado-alvo é obrigado a lidar com esse problema, queira ou não, e isso o coloca na defensiva estratégica. Isso é ainda mais verdade se o Estado-alvo fizer fronteira direta com o alvo indireto, como a Ucrânia faz com a Rússia, por exemplo (Korybko, 2015).

A teoria em questão, embora seja destinada para identificar a Guerra Híbrida promovida pelos Estados Unidos contra a Rússia ao entorno de suas fronteiras territoriais, serve para analisar a projeção do governo estadunidense em outras partes do planeta, na América Latina, por exemplo, há vários indícios de que tais táticas de abordagem indiretas estão sendo utilizadas (Leirner, 2020; Fagundes, 2020; André, 2020; Souza, 2020; Escobar, 2016; Engdahl, 2020).

Com base na teoria da Guerra Híbrida e tendo em vista o objeto, optamos por realizar uma pesquisa exploratória, visto o objetivo deste tipo de pesquisa ser proporcionar visão geral sobre determinado fato e ampliar o conhecimento sobre este, possibilitando a formulação mais precisa do problema, o que permite avançar para novas hipóteses e realizar pesquisa futura mais estruturada (GIL, 1999). Neste trabalho, o escopo é fornecer uma outra perspectiva sobre as chamadas “revoluções coloridas”, esclarecendo alguns de seus pontos centrais, no sentido de preparar ambiente teórico para aprofundamentos futuros sobre o tema. Também fizemos o uso de descrição qualitativa para captar a aparência do fenômeno, mas sobretudo, para apresentar suas origens, as redes e alterações, assim a natureza qualitativa da pesquisa permitiu a formulação de hipóteses, deste modo, a abordagem hipotético-dedutiva também se faz presente e relacionada ao emprego do método comparativo, ambos foram fundamentais para confeccionarmos nossas conjecturas e para apresentarmos as similaridades e distinções entre as “revoluções coloridas”. Quanto a técnica de coleta de dados, realizamos pesquisa bibliográfica, em fontes secundárias, isto é, em livros, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e artigos científicos na área de relações internacionais, geografia, ciência política e economia internacional, recorremos também as notícias da imprensa, buscamos especificamente sítios da internet e fizemos uso de documentários sobre as “revoluções coloridas” acessíveis em plataformas de compartilhamento de vídeos.

3. Resultados e Discussão

3.1 “Revoluções Coloridas”: infraestrutura(s), métodos, discursos e democracia

As “revoluções coloridas” têm como ponto de partida o sistema democrático, “tecnicamente” são manifestações de rua que tem como objetivo a mudança de regime e ao analisá-las em diferentes territórios observam-se semelhanças nas técnicas de ocupação dos espaços e nas ações contra as autoridades, ademais, cada uma delas apresentam singularidades por conta na necessidade de adaptação das ações. Em todos os casos, há uma grande mobilização em torno de um evento inicial (o “acontecimento”) que ganha proporções incontroláveis para os governos atingidos e enseja outras reivindicações visto a adesão de pessoas de segmentos sociais e orientações distintas ao movimento, mas que na maioria dos casos culminou em reviravolta eleitoral e mudança dos regimes políticos. No entanto, essa é a parte que está na superfície das “revoluções coloridas”, o consenso no mundo ocidental é que tais sublevações tem o caráter apenas popular e são oriundas de segmentos organizados da sociedade civil, na realidade existe uma infraestrutura que é transnacional e faz uso de ações paradoxais e explora as instituições democráticas, não há “revolução colorida” sem os instrumentos que estão nas “sombras”.

a) O evento: iniciando uma “revolução”

As revoluções coloridas são iniciadas após um evento chave (o “acontecimento”) que é antecedido por operações de caráter psicológico (Korybko, 2015), que vão preparar a população para a adesão em massa, geralmente são perpetradas através do discurso da grande mídia (que na maioria das “revoluções coloridas” estão envolvidas no processo), das redes sociais e através da ação de *think tanks* públicos e privados, ONGS, artistas, intelectuais, jornalistas, mídias independentes, etc., que financiam e promovem eventos científicos, campanhas publicitárias e outras atividades com fins de sensibilizar e cruzar informações acerca de determinados temas, bem como, promovem treinamentos das organizações que vão pôr em prática as técnicas de enxame e outras estratégias de manipulação das urnas (Fagundes, 2020; Engdahl, 2009). Logo, os articuladores da “revolução” somente são capazes de capitalizarem com o acontecimento:

[...] se houver praticado uma campanha de informação de sucesso. A infraestrutura de mídia pode ou não já estar totalmente erigida quando da decisão por explorar o acontecimento, uma vez que esse degrau está vinculado intimamente ao acontecimento em si. Pode ser que a infraestrutura de mídia não seja usada até depois do acontecimento em si, a fim de armar o cenário e preparar a psiquê pública para a revolução colorida. Tudo depende da situação em questão e da decisão do movimento e de seus patrocinadores (Korybko, 2015).

O “acontecimento” pode ser fabricado ou explorado seletivamente pelos operadores, assim o evento chave deve ser controverso e polarizador, deve possibilitar aos articuladores do movimento uma oportunidade para as manifestações mais públicas possíveis, liberando energia suficiente para liberar a infraestrutura física da “revolução”, trata-se do gatilho, o chamamento público. Portanto, o “acontecimento” pode ser uma fraude eleitoral, prisão de um líder da oposição, veto ou aprovação de lei controversa, declaração de apoio ou envolvimento em guerra impopular, sanções governamentais e outros (Korybko, 2015).

Na Geórgia em 2003, o “acontecimento” teve início com observadores internacionais e organizações internas realizaram denúncias sobre fraudes nas eleições e depois iniciaram uma série de protestos que tomou conta do país, enquanto o líder da oposição Mikhail Saakashvili realizava atos públicos (Ortega, 2009), o processo levou Mikhail a presidência; na Venezuela o processo foi parecido, a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento (Usaid) e National Endowment for Democracy (NED), criaram uma série de “Iniciativas para transição” através do Office of Transition Initiatives (OTI)³ e iniciaram uma mobilização em diferentes setores da “sociedade civil venezuelana” (entenda setores das elites venezuelanas)

contra possíveis ações de desrespeito aos direitos e humanos e atos antidemocráticos, além disso a ONG *Súmate* organizou um referendo sobre a permanência ou não de Hugo Chaves na presidência e orientava as comunidades mais populares a votar contra o governo, como o resultado do referendo foi favorável a permanência de Chaves, uma série de protestos foram realizados contra o governo, nesse contexto foram produzidas técnicas de desestabilização conhecidas como *guarimbas*, ações violentas provocadas por grupos de extrema direita (Fagundes, 2020; Engdahl, 2009).

No Brasil, diversos segmentos da sociedade foram para as ruas após os protestos do Movimento Passe Livre (MPL), Assembléia Nacional do Estudantes (ANEL) e coletivos anarquistas contra o aumento da tarifa de ônibus, esses grupos mais à esquerda conduziram os protestos entre 6 a 11 de junho, depois disso os protestos ganham outras proporções (André, 2020), logo, as ações iniciais do MPL, ANEL e coletivos anarquistas foram o estopim para a aplicação da “revolução colorida” (Engdahl, 2016); de acordo com Engdahl (2020), nos Estados Unidos, o horrível evento que culminou no assassinato de George Floyd (homem negro) por um policial branco e que mobilizou multidões nos Estados Unidos e em diversas partes do mundo também foi utilizado como evento chave para promover manifestações contra o governo Trump. Diz o autor que as manifestações convocadas pelos movimentos *Black Live Mather* e *Antifa*, como em outros territórios, ganharam proporções inimagináveis e diversas técnicas de “revolução colorida” foram utilizadas. A observação é polêmica, mas deve ser levada em consideração, pois assim como as demais manifestações “coloridas”, os protestos contra o assassinato de Floyd foram legítimos (a luta contra o racismo era o objeto) e como os outros protestos ganhou dimensões incontroláveis e foram fundamentais na derrota de Trump, isto é, houve um desfecho eleitoral. Na Nicarágua em 2018, o “acontecimento” foi uma reforma previdenciária unilateral, realizada via decreto.

Ademais, foi comum na maior parte dos casos, a propagação de discurso sobre fraude eleitoral (Sussman & Krader, 2008; Engdahl, 2009; Ortega, 2009; Fagundes, 2020). Isso ocorreu nos Sérvia, Geórgia, Quirguistão, Brasil, Venezuela e Honduras.

Segundo Andrew Korybko, não importa se os acontecimentos são verdadeiros ou fabricados, o importante são as alegações e não as provas, o objetivo é retratar e narrar de maneira eficaz para que o público em geral possa percebê-los. O que mais importa é criar um catalizador, ademais, os articuladores podem provocar uma variedade de “acontecimentos”, mas sobretudo, a falsa percepção de que eles ocorreram (Korybko, 2015). No caso da Síria, por exemplo, no processo de transição da “revolução colorida” para guerra não convencional, a TV Al Jazeera fabricou notícias falsas, produziu em estúdios cenas de soldados agredindo civis, as produções foram realizadas em conjunto com diretores estadunidenses, franceses e israelenses, a Al Jazeera mandou construir cenários, modelos de cidades look-a-like sírias para realizar as filmagens, a intenção era transmitir no noticiários árabes para convocar grupos armados e atacar as forças de segurança (Bandeira, 2014).

b) A infraestrutura física e a técnica de enxame: #semviolência, vamos ocupar, gravar e sorrir

As operações psicológicas e os “acontecimentos” não tem sentido sem a infraestrutura física das revoluções coloridas, esta é formada por dois componentes centrais, o primeiro está relacionado ao engajamento dos participantes e setores de organização das manifestações, o segundo diz respeito aos objetos físicos, lugares e seus posicionamentos e as estratégias. Este é a parte mais tradicional, envolve palcos, megafones, faixas, equipamentos de comunicação e outras ferramentas que dão suporte ao primeiro elemento.

Segundo Korybko (2015), o primeiro componente entra em ação quando os articuladores e os simpatizantes resolvem demonstrar pública e fisicamente o apoio a revolução, ela ocorre através de:

- 1) **Atos de ocupação**, trata-se de uma movimentação para obter um lugar “símbolo”, será o quartel general público dos manifestantes (o Euromaidan na Ucrânia, a praça Tahrir no Egito e as Universidades na Nicarágua são exemplos);
- 2) **Formação aglomerações**, a “revolução” apenas dá certo caso haja adesão de muitas pessoas, aqui dois métodos são fundamentais: a) propaganda da ação fazendo uso da mídia tradicional e alternativa e b) apelo as gerações mais jovens.

Logo, o escopo é divulgar as ações e expô-las e não basta somente a criação de um sistema de informação alternativo (blogueiros e youtubers), é preciso aglomeração e atos provocativos para chamar a atenção da mídia tradicional e internacional; concomitante ao primeiro método, é preciso atrair os jovens, que são de suma importância, pois passa a ideia de que o “novo” pede passagem e dissemina a mensagem que a juventude está protestando contra um sistema e lideranças ultrapassadas e há muito tempo no poder, daí a utilização de táticas que consistem em divulgar que as manifestações são atos divertidos, com música, shows, performances artísticas, danças, assim é possível atrair mais jovens, por esse motivo as ocupações são importantes, pois são os jovens que vão ficar acampados, em exposição permanente para a mídia (Korybko, 2015).

Srdja Popovic, fundador da *Otpor* e articulador de dezenas de “revoluções coloridas” ao redor do mundo, afirma que o “truque” é tornar as pessoas do movimento ocupadas, pois quando estão fazendo alguma coisa não tem tempo para ter medo, diz que a maneira como é criada a forma de luta, cria-se a identidade de grupo, a ideia é que as pessoas sintam a luta, que se vistam de forma parecida, que cantem porque a música fomenta trabalho em conjunto, assim, deve ter música, símbolos, divertimento, as manifestações devem parecer uma “Love Parade”⁴. Em outras palavras, a “revolução colorida” deve ser atrativa para as pessoas de diferentes gerações, dar a ideia de que é suprapartidária, de que está acima das diferenças de classe, de que é um movimento político leve (embora seja sério) e deve atrair a juventude (em especial, pois as pessoas que cumprem horário de trabalho diário, geralmente, participam dos atos durante a noite, assim são os mais jovens que atuam em tempo integral).

Ainda em consonância com Korybko (2015), além dos 1) atos de ocupação e 2) das aglomerações, o primeiro componente da infraestrutura necessita de:

- 3) **Manifestações e protestos com cronogramas sincronizados de ações**, desta maneira, ocorre definição antecipada de locais de encontro e rotas, dos símbolos para cada ato, dos dias e horários para adesão em massa, há planejamento prévio sobre utilização de bandeiras e eventos que vão fazer parte das atividades, escolha de músicas. Neste elemento, é importante que as marchas sejam em torno dos locais ocupados e que os protestos e manifestações sejam simultâneos, dessa forma dificulta-se o trabalho da polícia, logo, ocorre também um mapeamento das barricadas policiais. O planejamento prévio e cronograma são pensados para difundir os atos como uma atividade do cotidiano, a intenção é que famílias sejam atraídas para os protestos, em especial as crianças, quanto mais crianças nas aglomerações e atos melhor é a imagem da movimentação política⁵; outro ponto importante é a atração de figuras políticas “pró-oposição”, fundamental para inibir a ação da polícia;
- 4) **Utilização dos manifestantes como escudo humano dos articuladores**, logo, aqueles que geralmente são filmados com destaque ou que estão na linha de frente, não pertencem ao núcleo organizador;
- 5) **Uso das mídias sociais**, desta maneira, nos protestos e manifestações os articuladores fazem usos de mídias a) para segurança e b) promoção das ações, isto é; no primeiro conjunto são realizadas filmagens da atuação das forças de segurança, o que ajuda a inibir atos de coerção arbitrária do Estado e serve para sensibilizar a

comunidade externa aos atos; as mídias para promoção dos protestos servem para realizar registros ininterruptos que são editados para passar uma imagem positiva pró-oposição.

Tal engenharia permite ao núcleo de organização da “revolução colorida” transmitir a ideia de que os atos de protestos e manifestações públicas são “espontâneos”, ademais, o uso de hashtags no twitter, dos grupos do Facebook organizando a cobertura dos eventos e os comentários sobre os atos (ações da mídia de promoção) promovem uma reação em cadeia que atrai uma rede de apoiadores, assim há um movimento viral sobre os atos, passando a mensagem de que o movimento é positivo e vencedor, daí a disseminação do sentimento de que as pessoas podem chegar no momento que desejarem. Engdahl (2009), Korybko (2015) e Leirner (2020) são categóricos ao afirmar que a preparação midiática e psicológica das “revoluções coloridas” é elaborada para as pessoas a tomarem como suas causas, mesmo que não entendam o real motivo do processo. É preciso ter em mente que os articuladores trabalham com informações plantadas, o objetivo não é dizer a verdade, mas sensibilizar a massa, para isso utilizam o consciente coletivo do território.

Fagundes (2020), por exemplo, explica que na Nicarágua, em 2018, houve uma “enxurrada” de anúncios oriundos do Facebook, através de perfis falsos, em conjunto com milhões de mensagens do WhatsApp convocando as manifestações. As notícias sobre uma possível reforma previdenciária unilateral, que foi o “acontecimento”, juntaram-se as notícias falsas sobre o assassinato, por forças policiais, de um estudante que protestava na Universidad Centroamericana (UCA). Houve uma série de compartilhamento sobre a morte do estudante, mobilizando sentimento de solidariedade na sociedade; na Nicarágua esse tipo de narrativa tem força em decorrência do regime ditatorial que ocorreu no país.

Essas dinâmicas possibilitam e são retroalimentadas com a aplicação da técnica de enxame, ou seja, a engenharia por trás das “revoluções coloridas” trabalha com aglomerações e progressões das manifestações em bloco (como podemos ver na figura 2), cria-se uma mente de colmeia, grupos de pessoas aparecem de todos os lados portando cartazes, realizando atos simbólicos (fogueiras, danças, instrumentos de percussão, roupas da mesma cor, etc.), dependendo do contexto, idosos ou mulheres com crianças são posicionados na linha de frente dos chamados “bandos” (células operacionais) ou apenas mulheres (assim a polícia fica inibida de dispersar a multidão) (Arquilla & Ronfeldt, 2000; 2000; Engdahl, 2009).

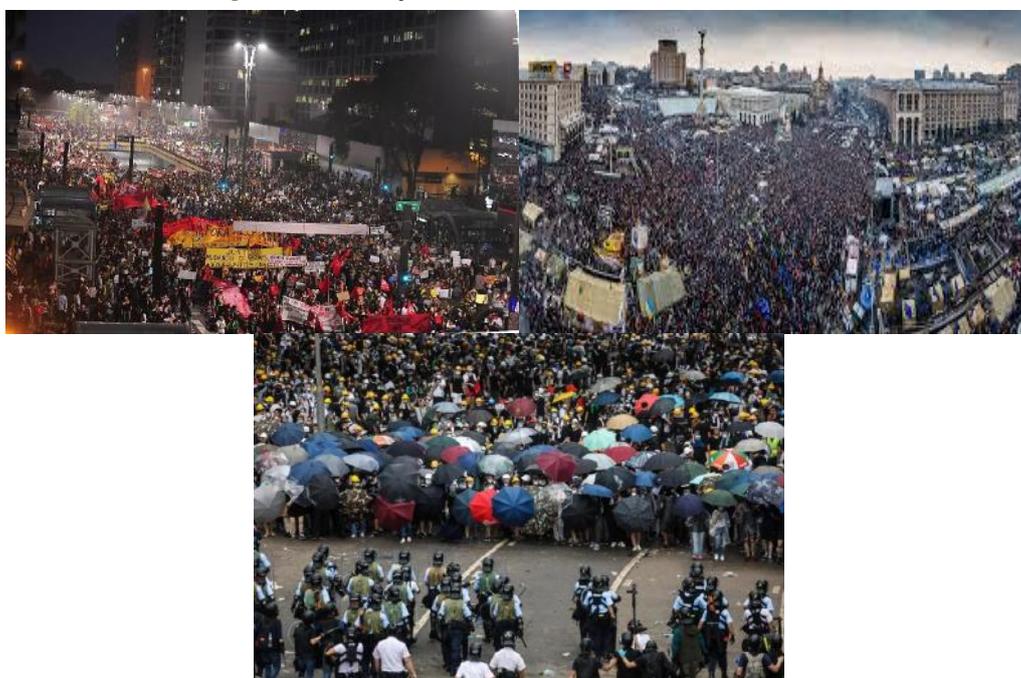
Os líderes treinados e camuflados no meio das multidões, manobram a massa em movimentos em rede, algumas unidades dos “bandos” ou células operacionais entram em confronto com as forças de segurança, outras se dispersam e se direcionam para um alvo com maior repercussão midiática e os avanços são programados para serem realizados como se o enxame fosse algo amorfo, ocupando os espaços, parecendo que está desorganizado (ou que são manifestações sem liderança, como afirma a grande imprensa), mas são deliberadamente estruturados. Para tais operações as tecnologias de informação são fundamentais (Aequilla & Ronfeldt, 2000; Engdahl, 2009). Ressalta Korybko (2015) que as plataformas sociais Google Maps, YouTube, Facebook e Twitter, todas disponíveis em celulares modernos, são aplicadas em conjunto para criar caos na sociedade alvo e ajudar na formação dos enxames:

O Facebook é o portal para reunir e fazer propaganda do movimento de revolução colorida. Ele recruta apoiadores e permite a criação de grupos fechados nos quais ativistas contra o governo podem se encontrar e discutir suas estratégias virtualmente. Uma vez tomada a decisão de iniciar a revolução colorida, o Google Maps é usado para planejar rotas de protesto, localizar áreas públicas (tipicamente parques) onde os ativistas podem se organizar de antemão e identificar os melhores lugares para o enxame de manifestantes reunir-se ... Durante o combate urbano contra os serviços de segurança, o Google Maps pode rapidamente exibir rotas de fuga para os combatentes e ajudá-los a elaborar estratégias para seus ataques. Essas informações, incluindo a difusão de mensagens de qualquer natureza a todos os membros do movimento, podem ser transmitidas instantaneamente via Twitter. Por fim, os ativistas podem filmar os procedimentos com seus telefones celulares e publicar vídeos favoráveis ao movimento (e potencialmente enganosos e/ou editados) no Youtube. Eles podem então usar as mesmas contas no Twitter e Facebook, ou outras, para fazer propaganda de seus vídeos na Internet na tentativa de obter o máximo de

visualizações possível. As hashtags ajudam a organizar as informações para que seja possível recuperar resultados com rapidez, além de facilitar a busca no Google e em outros algoritmos de busca (Korybko, 2015).

O objetivo é “viralizar” as manifestações, gerando exposição internacional, em especial no Ocidente, para que os governos realizem manifestações públicas e tentem se envolver em assuntos domésticos e soberanos (Korybko, 2015). A primeira vez que tais técnicas foram utilizadas foi na Sérvia, no processo de deposição de Milosevic, não foram necessariamente as plataformas supracitadas, mas as tecnologias disponíveis na época, segundo Engdahl (2009), houve “... o uso da Internet – especialmente as ‘chat rooms’, mensagens instantâneas e blogs - juntamente com os telemóveis ou telefones celulares, incluindo mensagens de texto SMS”. Essas tecnologias contribuíram para interligar as pessoas em rede como enxames de abelhas.

Figura 2: Revoluções coloridas – Brasil, Ucrânia e China.



Fonte: Floresti, (2018); Lit-Qi, (2018); Jornal do Comércio, (2019).

Por isso os protestos devem ser simultâneos, a intenção é criar sentimento de caos e desorientar a polícia e passar a ideia para quem está de fora que o movimento é maior do que realmente é, como afirma Korybko (2015), tudo é planejado e mesmo que a polícia consiga deter uma das unidades operacionais (“bandos”) de manifestantes, outras vão chegar ao local de destino, ao alvo estabelecido.

É preciso ainda destacar que os protestos que têm como base as técnicas de enxame são oriundos de estratégias militares que foram adaptadas para o âmbito civil e urbano. Arquilla e Ronfeldt (2000), explicam que a guerra em rede utiliza como método de guerra a formação de enxames na qual as unidades militares de manobra se mobilizam no terreno através de unidades pequenas, dispersas e interconectadas, grupos chamados de “bandos” organizados em aglomerados, a intenção é que possam proferir ataques de todos os lados; na formação de enxame, os componentes (os militares) devem estar juntos e o inimigo deve pensar que são vários ataques, distintos, no entanto, tem o mesmo objetivo. Assim funcionam as manifestações e protesto das “revoluções coloridas”.

Além do mais, os enxames vão ser combinados aos métodos não violentos, o responsável pela teoria que versa métodos não violentos é Gene Sharp, que é o guru das “revoluções coloridas” e os seus livros “Da Ditadura à Democracia”

(publicado a primeira vez em 1993) e “Existem alternativas realistas” (do ano de 2003) são as “bíblías” das organizações que lideraram as manifestações, suas táticas foram ensinadas e utilizadas na Sérvia, Geórgia, Quirguistão, Ucrânia, no Egito, na Líbia, Tunísia, Venezuela, Cuba, Nicaraguá (Sussman & Krader, 2008; Engdahl, 2009; Ortega, 2009; Fagundes, 2020) e os grupos que encabeçaram as sublevações admitem publicamente que entraram em contato com os livros, o primeiro, por exemplo, já foi traduzido para mais de trinta línguas.

Nas obras, Gene Sharp faz sugestões para organizar grupos que vão resistir com táticas não violentas com o objetivo de derrubar ditaduras ou governos centralizados (que ele não define como são), suas observações tem como base as análises que também realiza sobre os pontos de vulnerabilidade desses governos, dessa forma, afirma o autor, a resistência ao unir o conhecimento dos pontos fracos de uma estrutura, das relações de poder que o sustenta com a aplicação dos métodos não violentos tem em mãos um arma poderosa de deposição de ditadores. Gene Sharp, explica que:

A luta não violenta é uma forma de luta muito mais complexa e variada do que a violência. Socorre-se de um arsenal de armas psicológicas, sociais, económicas e políticas utilizadas pela população e pelas instituições sociais, que são designadas como protestos, greves, não cooperação, boicotes, descontentamento e poder popular [...] um governo só consegue governar depois de assegurar as fontes necessárias ao poder, ou seja, a cooperação, a submissão e a obediência da população e das instituições sociais. O desafio político, ao contrário da violência, é particularmente adequado à destruição dessas fontes de poder (Sharp, 2010).

A proposta é interessante, sugere também “caminhos” para o período posterior a queda, logo, no livro entra-se em contato com ideias que vão para além da participação por protesto, no entanto, as ideias que apetece os articuladores das “revoluções coloridas” são apenas a técnicas de desobediência em massa, Korybko (2015) afirma que os livros de Gene Sharp tornaram-se manuais das “revoluções coloridas”, na realidade, das atividades públicas desses golpes que obtém sucesso, pois são perpetrados a partir da manipulação da estrutura democrática. Tanto em “Da Ditadura à Democracia” quanto na obra “Existem alternativas realistas” é possível entrar em contato com as famosas 198 métodos de protesto e persuasão não violentas, que estão divididas em 1) métodos de persuasão não violentos; 2) métodos de não cooperação social, económico, política; 3) métodos de intervenção não violentas; entre os quais estão⁶:

1. **DECLARAÇÕES FORMAIS:** 1. Discursos públicos, 6. Petições em grupo ou em massa;
2. **COMUNICAÇÃO COM PÚBLICO MAIS VASTO:** 7. Slogans, caricaturas e símbolos, 11. Gravações, rádio, televisão e vídeo;
3. **ATOS PÚBLICOS SIMBÓLICOS:** 18. Exibição de bandeiras e cores simbólicas, 22. Nudez como forma de protesto, 23. Destruição de propriedade própria (casas, documentos, etc.), 28. Sons simbólicos (“canções simbólicas”, uso de apitos, sinos, sirenes, etc.), 30. Gestos grosseiros;
4. **ASSEMBLÉIA PÚBLICAS:** 48. Reuniões de protesto, 50. Fóruns educativos com diversos conferencistas (teach-in);
5. **ALTERNATIVAS À OBEDIÊNCIA AO DISPOR DOS CIDADÃOS:** 136. Desobediência disfarçada, 137. Recusa de dispersão de uma concentração ou reunião, 138. Ocupação sentada para assumir o controle desse lugar (*sitdown*), 141. Desobediência civil a leis “ilegítimas”;
6. **INTERVENÇÃO FÍSICA:** 162. Sentar-se em determinados lugares como protesto (*sit-in*), 163. Ocupação de pé (stand-in) da ditadura à democracia, 164. Ocupação de meios de transporte discriminatórios (ride-in), 166. Concentração de pessoas em movimento num lugar simbólico (*mill-in*), 169. Incursões não violentas (por exemplo, com panfletos ou alimentos), 170. Invasão não violenta, 172. Obstrução não violenta (geralmente temporária), 173. Ocupação não violenta.

As ações supracitadas, segundo nossas pesquisas, são as mais comuns, foram utilizadas em diferentes “revoluções coloridas” e aplicadas em conjunto com a técnicas de enxame. Mas há também registros de métodos violentos, o que traz ao debate uma outra técnica das “revoluções coloridas”, nas “revoluções de segunda geração”, a partir de 2011, juntam-se as manifestações não-violentas às técnicas de ataque de atropelamento e fuga (Engdahl, 2020). Na primeira geração, as “revoluções coloridas” na Sérvia, Geórgia e Quirguistão, realizaram revoluções eleitorais com base nas técnicas de enxame e ações não violentas e manipulação de discurso para influenciar as eleições, geralmente anulando-as ou através da realização de novo pleito após contestação dos observadores internacionais. Assim como na Venezuela, as técnicas de “atropelamento e fuga” estiveram presentes no Brasil, Egito, Nicarágua e Ucrânia.

As *guarimbas*, que mencionamos anteriormente, foram utilizadas na Venezuela, consistiram em grupo de ações violentas da extrema direita. No Brasil em 2013, também alguns grupos de extrema direita, neonazistas, skinheads promoveram atos de violência contra a polícia (André, 2020), bem como, são vários os registros de policiais à paisana infiltrados no meio dos manifestantes e iniciando as ações de enfrentamento contra a própria política⁷. São inúmeros os registros de policiais à paisana infiltrados nas manifestações e provocando os confrontos. Ademais, no Brasil há suspeitas de que militares à paisana iniciaram os confrontos trajados de forma a se assemelhassem com o blacks blocks.

Na Nicarágua em 2018, foi registrada a ação violenta dos *tranques* (tinham mais ou menos o formato da *guarimbas* da Venezuela), grupos que instrumentalizavam barricadas que bloqueavam rodovias e acessos aos bairros, tinham função defensiva e ofensiva, com o passar dos processos, os *tranques* começaram a ser instrumentalizados por grupos criminosos, pagos por líderes da oposição ao governo (Fagundes, 2020). Na Ucrânia em 2014, membros do Pravy Sektor, grupo de extrema direita e de orientação neonazista, protagonizou ações violentas que se desencadearam em torno da “revolução colorida” a partir do Euromaidan.

No Cairo em 2011, grupos de pessoas montadas em cavalos apareciam repentinamente dispersando as manifestações pacíficas, em um primeiro momento pensou-se ser o governo Egípcio retaliando a população, mas na realidade tratou-se de um ato programado no interior da infraestrutura física do movimento com o intuito de chamar a atenção da comunidade internacional.

Aparentemente, há uma sincronia nesses eventos de violência em meio aos enxames, há indícios de que tais ações são parte do processo, na realidade em todos os casos, o objetivo das ações violentas era demonstrar para a mídia internacional que os territórios que vivenciavam a “revolução colorida” estavam em estado de caos. Nesses casos, já eram tentativas de progressão para guerra não convencional (Korybko, 2015). Além disso, é preciso destacar que em meio as manifestações de 2ª geração, também é prática a difusão de vídeos e fotografias falsas, geralmente, de ataques falsos recebidos pelos manifestantes (Engdahl, 2009; Fagundes, 2020).

c) As cores estão na superfície, mas é nas “sobras” que devemos observar: vigiai!

Outra questão importante é a rede internacional que está por trás dos movimentos (como é possível observar na Figura 3), Carvalho (2019) afirma que as “revoluções coloridas” são apoiadas por agências e fundações vinculadas ao Estados Unidos da América que financiam e supervisionam ONGS que atuam em torno de assuntos sobre democracia, direitos humanos e mundo do trabalho, são de alcance internacional, por sinal estas organizações vão dialogar com institutos de pesquisa e organizações filantrópicas que ficam responsáveis por financiar, treinar, dar suporte logístico e midiático para os grupos que vão articular e liderar as ações no território do Estado Alvo, estes últimos são a camada visíveis da rede hierárquica da “revolução colorida”.

No topo da hierarquia está a USAID e a CIA (Carvalho, 2019), esta passou a apoiar de forma mais assídua as missões veladas contra os inimigos dos Estados Unidos a partir dos anos 2000, Engdahl (2009) e Ehret (2019), afirmam que a agência de inteligência americana adotou tal postura, pois golpes de Estado utilizando a democracia causam menos danos à imagem internacional, bem como durante o século XX, a CIA promoveu operações que repercutiam de forma negativa no ambiente político estadunidense. Assim, a CIA trabalharia nas “sombras”, enquanto a USAID e a NED atuam na “superfície” das operações de promoção de regimes democráticos pró-Estados Unidos, as duas últimas são os principais atores nos processos de “transição democrática” ao redor do mundo, na Sérvia em 2000 financiaram o treinamento de grupos como a *Otpor* e a propaganda contra o governo de Milosevic, a USAID desembolsou cerca de US\$ 23 milhões de dólares (Sussman & Krader, 2008).

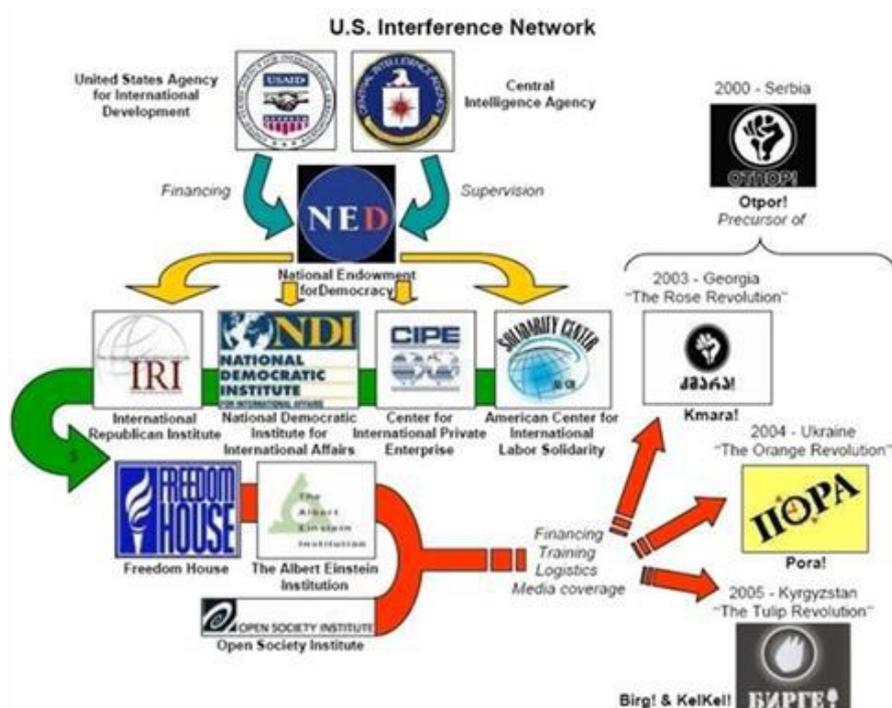
A Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) também canalizou fundos para as “revoluções coloridas” da Geórgia e Ucrânia, os procedimentos ocorrem através de contratos comerciais via Fundação Nacional para a Democracia (National Endowment for Democracy) – NED, que é a segunda na hierarquia e que atua por meio das instituições National Democratic Institute (NDI), Center for International Private Enterprise (CIPE), American Center for International Labor Solidarity (SC), International Republican Institute (IRI), estas vão atuar com o setor de treinamento e logística de acordo com as áreas nas quais são ativistas (Carvalho, 2019). O NDI e o IRI atuam diretamente com organizações políticas e ONGs e são instrumentos dos partidos Democrata e Republicano em território internacional (ambos criaram as organizações). O CIPE trabalha junto as associações empresariais e industriais e *thinks tanks* (públicos e privados) e a SC está junta das associações e sindicatos de trabalhadores (Barbosa, 2018).

A NED, por meio do NDI e IRI, foram muito ativos nas “revoluções coloridas” na Sérvia; foi a IRI, por exemplo, que financiou os cursos de formação da *Otpor* com Robert Helvey, coronel do Exército estadunidense e analista da Defense Intelligence Agency, os cursos capacitaram as lideranças da *Otpor* com as técnicas de ação não-violenta (Engdahl, 2009).

Nesta rede, o ator de suma importância é a NED, atua em mais de noventa países, através da NDI, CIPE, SC e IRI, estas a depender das relações nos territórios dos Estados alvo fornecem financiamento, treinamento e formação e assistência para ONGs locais, grupos de mídia (tradicional e alternativa), partidos políticos sindicatos, associações empresariais e qualquer tipo de movimento “pró-democracia e direitos humanos”, além disso financiam programas voltados para a juventude, visando a formação de líderes para a oposição dos governos (Carvalho, 2019; Fagundes, 2020).

Ademais, esteve presente em várias trocas de regime por meio de “revoluções coloridas”, na Sérvia, Ucrânia, Geórgia, Quirguistão, Egito, Nicarágua (Sussman & Krader, 2008; Engdahl, 2009; Ortega, 2009; Fagundes, 2020), bem como atuou em várias operações recentes de desestabilização política, conhecidas como “estratégias de tensão”, na Venezuela, Caxemira, Honk Kong e Tibete, a Open Society Institute foi o elo das operações; a estratégia consiste em financiar operações de grupos separatistas, sindicatos, movimentos de estudantes e falsos formadores de opinião, o discurso gira sempre em torno da democracia e a inserção de instituições como Open Society se dá através de setores chave, com ajuda filantrópica para saúde, educação alimentação (Ehret, 2019).

Figura 3: Rede internacional da “revolução colorida”



Fonte: Carvalho (2019).

Há um padrão nas operações na relação golpe/ajuda humanitária/democracia, a equipe responsável pela ajuda humanitária faz a denúncia sobre desrespeito aos direitos humanos, em seguida ocorrem os protestos pró-democracia, o governo faz a repressão e a mídia internacional realiza a denúncia, geralmente, o Estado alvo rechaça a entrada da ajuda humanitária posterior aos distúrbios por suspeitar que seja uma estratégia dos agentes externos e então fica estigmatizado pela comunidade internacional como país antidemocrático e que desrespeita os direitos humanos, conseqüentemente há um endurecimento na vigilância e nas fronteiras, movimentos que reforçam o discurso proferido na comunidade internacional sobre ser uma “ditadura”, na Venezuela e em Hong Kong este foi o padrão entre 2014 e 2017. Em Hong Kong, a NED já gatou mais de US\$1,7 milhão em subsídios para coordenar os protestos, entre os quais o "Occupy HK" de 2014 (Ehret, 2019).

É preciso destacar que a NED, embora sua criação tenha o corrido no primeiro do governo Reagan (1981-89), é resultado de articulação da Comissão Trilateral na década de 1970 em comunhão com o governo estadunidense para a apagar a imagem ruim da CIA por conta de suas operações de sabotagem e instabilidades em outros países e em território nacional (Engdahl, 2009; Ehret, 2019), o escopo era criar uma nova agência para assumir as funções de desestabilização encoberta de governos e regimes políticos no estrangeiro. É neste contexto que Samuel Huntington, Michel Crozier e Joji Watanuki apresentam o relatório “The Crisis of Democracy” para Comissão Trilateral, o documento apontava que as democracias ocidentais iriam colapsar ou não funcionar adequadamente no processo de desintegração controlada da economia ocidental, uma série de procedimentos macroeconômicos para favorecer a inserção de grupos transnacionais na economia-mundo e que estava relacionada ao rompimento por parte dos Estados Unidos dos acordos de Bretton Woods, o processo foi operado por Paul Volcker, quando presidente do *Federal Reserve*. O relatório considerava obter apoio e recursos de fundações, sindicatos, partidos políticos, associações empresariais e quando fosse possível angariar financiamento de agências de governo para criar uma instituição destinadas para fortalecer as instituições democráticas.

Desta articulação foi criada a organização que ficou conhecida American Political Foundation (APF), em 1979, durante o governo Jimmy Carter, a APF, tinha função inicial de articular os dois principais partidos estadunidense e promover comunicação com outros partidos ao redor do mundo. A fundação foi criada por um conjunto de atores diversos e a sua constituição reuniu representantes que depois iriam compor a NED: membros das classes e setores dominantes dos Estados Unidos. Fizeram parte da APF ex-assessores da segurança nacional, como Henry Kissinger, lideranças dos partidos democrata e republicano, grandes associações empresariais e sindicatos, agentes do setor de inteligência e segurança do governo norte-americano, entre os quais pessoas associadas a CIA. Foi a APF que desenvolveu o estudo conhecido como “O Programa Democracia” [The Democracy Program] que recomendou a criação de uma corporação bipartidária, sem fins lucrativos, não governamental, no entanto, sob a supervisão do Congresso Nacional norte-americano. A corporação bipartidária, mais tarde tornou-se a NED e o “Programa Democracia”, aprovado pelo Congresso em 1981, foi vinculado as funções da NED em 1983 (Barbosa, 2018).

Assim, a NED foi fundada em 1983, com um financiamento inicial de US\$ 31 milhões oriundos de quatro organizações: The American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations (AFL-CIO), que controla o SC, o CIPE da Câmara de Comércio dos EUA, o IRI e o NDI (Ehret, 2019). A operacionalização da NED foi um grande passo do *establishment* em direção a um amplo programa de assistência política dos EUA e de uma política externa encabeçada pelo “Programa Democracia”, cujos componentes centrais são a diplomacia, economia e o setor militar, acrescentando nas duas últimas décadas a construção de novos atores políticos em outros países, ao invés de simplesmente influenciar os atores domésticos (Carothers, 2010; Barbosa, 2018).

Assim, a NED foi criada para substituir as operações da CIA junto a sociedade civil e organizações políticas, trata-se de uma fundação de direito privado, mas com amplo financiamento governamental (estadunidense, em especial) e presta assistência externa ao governo norte-americano, tendo vínculo com o Departamento de Estado (é uma espécie de subagência deste Departamento) e atuando através da NDI, IRI, CIPE e SC tem como objetivo “promover” a democracia (aos moldes americanos) e o livre mercado. A NED consegue estruturar uma rede dotada com capilaridade e capacidade de criação e apoio financeiro, técnico e intelectual entre diversos atores; ela atua nas bases e através dos seus institutos e rede que podem exercer influência sobre as políticas públicas (Barbosa, 2018), bem como, já que tem o poder de apoiar diferentes organizações e forças políticas pode influenciar os regimes políticos.

Barbosa (2018), diz que a NED tem grande poder de penetração nos territórios e é instrumento da política externa estadunidense (soft power), narra que no Equador a NED tentou romper com o poder de Rafael Corrêa, por ser um governo de esquerda progressista:

... a partir de 2006, a presença da NED no Equador chamou a atenção pelo violento aumento de recursos destinados a este país, de uma média de meio milhão de dólares destinados em 2005 para valores que superaram os dois milhões de dólares no ano seguinte. Nos telegramas confidenciais e secretos de comunicação diplomática de 2006 são relatados os perfis dos candidatos, explicando quem são e apresentando um resumo de suas plataformas de campanha, mostrando o risco que seria para os EUA se Rafael Correa viesse a vencer as eleições (Barbosa, 2018).

Porém, completa a autora:

... o período de maior risco e de crise política no Equador foi durante uma década anterior do governo de Correa (1996- 2006), por exemplo. Um período de alta corrupção, manifestações, golpes, pobreza e desigualdade social. Entretanto, nenhuma dessas dificuldades as quais o país estava precisando eliminar atraiu a preocupação da NED (Barbosa, 2018).

A questão no Equador era Rafael Corrêa, que não se alinharia a “democracia” proposta pelos Estados Unidos. Ademais, para Fagundes (2020), assim como a USAID, a NED faz o trabalho aberto da CIA, como é a responsável por exportar a “democracia”, suas manobras de desestabilização não precisam ser clandestinas, através dos símbolos e valores democráticos age de forma “transparente”, manipulando a democracia representativa. Outra questão a se destacar é o posicionamento público dos Estados Unidos após as “revoluções coloridas” da primeira década do século XXI; Beinssinger (2007), informa que tornou lugar comum o presidente Bush e outros representantes visitarem os países alvo após a mudança de regime; assim como o governo americano gastou US\$ 65 milhões na Ucrânia nos anos imediatamente posteriores a Revolução Laranja.

Como disse Allen Weinstein, um dos fundadores da NED, "A lot of what we do today was done covertly 25 years ago by the CIA" (Ballesteros, 2018). De fato, já na década de 1980, a CIA foi responsável por operações de desestabilização de Estados soviéticos e desencadeou a primeira “revolução colorida”, a revolução amarela das Filipinas, esta ajudou a derrubar o Ferdinand Marcos.

No entanto, como as ações da CIA foram denunciadas em diversas regiões do mundo e causaram constrangimentos públicos ao governo americano (como o Caso Irã-Contras, na qual foi descoberto um esquema de venda de armas do governo americano para o Irã em troca de reféns), Sussman e Krader (2008); Engdahl (2009), Fagundes, (2020), afirmam que as “revoluções coloridas”, via NED, tornaram-se instrumentos para realização de mudanças (de fachada), que a partir dos anos 2000 passaram a utilizar as técnicas de enxame.

Tais técnicas são ensinadas pelas organizações que estão na base da rede internacional montada pelo governo norte-americano para impulsionar as “revoluções coloridas”, as instituições responsáveis pelo treinamento e capacitação dos grupos que em solo vão liderar os protestos e manifestações são a Freedom House, The Albert Einstein Instituto e Open Society Foundations (Carvalho, 2019). Segundo Korybko (2015) na base, as instituições que a compõem ficam responsáveis pelo(a):

1. **Criação da infraestrutura financeira**, que consiste na criação de mecanismos que limitam os impactos de qualquer tipo de interrupção do financiamento estrangeiro, no estabelecimento da rede financeira doméstica para desviar a atenção da fiscalização governamental quanto a transferência dos fundos internacionais, na realização do contrabando do dinheiro ilegal através das fronteiras, na proteção (camuflagem) das instituições/organizações que realizam arrecadação do financiamento doméstico;
2. **Organização da infraestrutura social**, que é constituída por três níveis, 1) **o núcleo** (a vanguarda), são as pessoas que controlam as organizações que estão por trás da “revolução colorida”, são altamente treinados e são as pessoas mais poderosas no país alvo, são o comando e os únicos que mantêm contato o agente externo, 2) **os tenentes** (assistentes), geralmente, são os recrutadores, aqueles que vão se expor publicamente, que recebem as ordens para promover os atos públicos e aqueles que aparecem para a imprensa (símbolos aglutinadores) e as “lideranças” que vão ser presas. Seu contato é com o núcleo; 3) **os civis** (simpatizantes), são os cidadãos com quem os tenentes entram em contato, são a principal arma da “revolução colorida”, a técnica de enxame depende deles;
3. **Treinamento**, aqui os tenentes aprendem 1) técnicas para arrecadar fundos, 2) técnicas de condução do enxame e como ampliar a mente de colmeia nos atos e reunir mais simpatizantes, 3) como criar os melhores sites, elaborar eficientes materiais de propaganda e aprendem como tirar proveito das mídias sociais;
4. **Criação da infraestrutura de informação**, esse setor é importante para atrair os tenentes e os civis, dois elementos fazem parte: 1) mídias sociais, esta dissemina a ideologia (democracia liberal) da “revolução colorida” e convoca os participantes (tenentes e simpatizantes), 2) material de propaganda, fundamental para disseminar a causa do movimento e parecer que ele é maior do que realmente é, aqui entram os grafites, símbolos, os slogans, as cores; é a

propaganda que vai atingir a psique do cidadão, passar a mensagem que a “revolução” é inevitável, que está preste a acontecer.

No geral, é essa estrutura a responsável por causar os movimentos de desobediência civil nas chamadas “revoluções coloridas”, são parte integrante das ações que vão aparecer publicamente e daquelas que se desenrolam na “sombra”, logo, as instituições da base podem adaptar as etapas e a preparação vai depender da conjuntura, mas independente das adaptações, as organizações como a NED, Freedom House e Open Society, mediante a localização dos grupos de oposição, sempre irão antecipadamente adotar de forma silenciosa métodos de confrontação (Beinssinger, 2007). Geralmente, as ações de ONGs e agência governamentais ocorrem meses e até anos antes do “acontecimento” e das manifestações, ocorrem em fases de preparação e de apoio para o setor de mídia, com financiamento de propaganda contra o Estado alvo, utilização de ajuda humanitária a minorias com o intuito de realizar cooptação de setores sociais contra o governo que vai ser atingido, bem como atores como Office of Transition Initiatives (OTI), utilizam programas oficiais para ajudar nos projetos de deposição de presidentes (Scherer, 2015). As manifestações “coloridas” são apenas a parte superficial do processo.

Na Ucrânia, por exemplo, os líderes da oposição receberam investimento externo, Dmytro Poteschin – liderança do *Pora* (slogan do movimento de oposição, que significa “É tempo”) – declarou que no final de 2004 administrou um orçamento de US\$ 1 milhão de dólares oriunda dos Estados Unidos⁸. O *Pora* foi o tenente da “revolução colorida” e estava apoiando Viktor Yushchenko, ex-presidente do Banco Central ucraniano, cuja esposa Kateryna Yushchenko fez parte da administração Reagan e de George Bush e na época era representante da Fundação US-Ukraine, com sede em Washington D.C. (Engdahl, 2009).

Desta maneira, o *Pora* estava apoiando um candidato pró-Estados Unidos, o que nos leva a contestar a ideia de que foi um movimento em nome da democracia como afirmou Dmytro Poteschin, que disse: “Os EUA e união Europeia levam muito a sério a democracia”⁹. A democracia já era um fato na Ucrânia, do ponto de vista formal a estrutura existia, ao que parece a Revolução Laranja foi um movimento para retirar um presidente pró-Russo. Assim:

As mesmas ONGs apoiadas pelo governo dos EUA que estiveram na Geórgia, também produziram resultados na Ucrânia: a George Soros Open Society Institute; a Freedom House; e a National Endowment for Democracy, juntamente com as suas duas subsidiárias, o Instituto Nacional Republicano e o Instituto Nacional Democrata. De acordo com relatórios ucranianos, as ONGs norte-americanas, juntamente com a conservadora US-Ukraine Foundation, estiveram activas em toda a Ucrânia, a alimentar o movimento de protesto do *Pora* [...] e a treinar observadores das eleições (Engdahl, 2009).

Sussman e Krader (2008) são categóricos em afirmar que a Freedom House e a Open Society Institute (além da Ned), por exemplo, são os financiadores das viagens da *Otpor* por diversas partes do mundo para disseminar as técnicas de não violência:

Following the Serbian ‘bulldozer revolution’, several former foreign-trained members of the local *Otpor* student movement became traveling consultants on non-violent political tactics. The Serbians' trips to those countries were paid, respectively, by NED grantee Freedom House and Soros's Open Society Institute (Sussman & Krader, 2008).

A *Otpor* é outro elemento da base da rede internacional criada para promover as “revoluções coloridas”, a revolução bulldozer foi a primeira nos atuais moldes de “revolução” e a organização (formada supostamente por estudantes) dentro da infraestrutura social foi um tenente; a organização foi o responsável pelo recrutamento, treinamento e as manifestações de rua, o sucesso da “revolução” contra o governo de Milosevic tornou-a uma espécie de símbolo para as outras sublevações, logo, *Otpor* passou a ser o tenente internacional que treina os demais tenentes locais.

O ativista egípcio, Mohamed Adel (que foi um dos tenentes nos protestos que ocorreram no Cairo 2011), explica que a *Otpor* organizou workshops no arredores do Cairo que ensinavam as técnicas de não violência de Gene Sharp; o tunisiano Amine Ghali, membro da Freedom House na Tunísia, fala abertamente que os tenentes da “revolução colorida” receberam treinamento de um homem vindo de Belgrado que focou as orientações da experiência Sérvia, embora a experiência “colorida” na Tunísia tenha ocorrido entre dezembro de 2010 e janeiro de 2011, Ghali confirma que desde de 2007, o núcleo internacional vinha dialogando com os tenentes tunisianos, processo de formação que se iniciou no Marrocos por meio de eventos em prol da democracia no norte da África¹⁰.

É importante dizer que são os membros da *Otpor* – cujo símbolo é um punho fechado (figura 3) – são os tenentes que se deslocam entre diferentes Estados alvo (a organização já atuou em mais de trinta e sete países), aparentemente, este tenente lidera os demais tenentes que também participam das ações relacionadas a infraestrutura social, treinamento e informação em outros países; estamos nos referindo às organizações conhecidas como *Kmara* (“Basta!”) da Geórgia, *Pora* (“É tempo”) da Ucrânia e *KelKel* (que significa “renascimento”) do Quirguistão, em diversas conjunturas políticas estas organizações tiveram participação ativa, treinando tenentes, atraindo simpatizantes e conduzindo as infraestruturas operacionais (Engdahl, 2009; Engdahl, 2016; Fagundes, 2020, Bandeira, 2013).

Quando os quadros desses movimentos aparecem em público aparentam ter menos de 40 anos, falam de apartamentos de classe média e sempre ressaltam que os movimentos que lideraram foram em decorrência da vontade popular, a jovialidade é fundamental para atração de novos adeptos, mas também a intenção é passar a mensagem de que são lideranças oriundas de uma nova geração descontente com o sistema antigo, corrupto e opressor. São símbolos aglutinadores (tenentes), ao que parece, no interior da rede internacional da “revolução colorida” são eles que devem aparecer. As lideranças da *Otpor*, os mais conhecidos pelo público ocidental.

Figura 4: Símbolo da *Otpor*.



Fonte: https://m.facebook.com/Novi-Otpor-166374593730851/?ref=page_internal&mt_nav=0

Srdja Popovic, fundador da *Otpor*, é lugar comum em seminários, eventos empresariais, em universidades ocidentais e outras atividades públicas pelo mundo afora desde 2011, ao digitar seu nome nos buscadores online e plataformas de compartilhamento de vídeos é possível encontrar frases de sua autoria, fotos e vídeos, nestes ele fala abertamente sobre as “revoluções coloridas”, diz que não são atos espontâneos, que há planejamento, que o povo é quem tem o poder – sobretudo os jovens – e que as “revoluções” conseguiram obter sucesso, pois fizeram uso de táticas não violentas.

Há uma palestra de Popovic no Programa TEDx (compartilhada no youtube), na qual ele expõe rapidamente algumas táticas e regras aplicadas nas “revoluções coloridas” no Leste Europeu, Oriente Médio e Norte da África, segundo o discurso,

foram os jovens que perceberam o quão obsoletos e opressores eram os regimes nos quais estavam vivendo, logo, surpreenderam o mundo por se rebelarem, quebrando com a percepção do ocidente de que eram submissos (como no Oriente Médio diz ele, que aceitavam ditaduras militares ou governos teocráticos), o “poder do povo” foi quem derrubou os regimes, mas com organização e métodos não violentos¹¹. Tais métodos são as marcas registradas das “revoluções coloridas”, assim existem inúmeros registros dos protestos sendo realizados com humor, dança, bricadeiras, etc. (tornam-se um grande atrativo para adesão das pessoas às manifestações), disse a liderança da *Otpor*: “You have 100.000 people in a non-violent march, one idiot or agent-provocateur throwing a stone, guess what gets all the cameras? That one guy. One single act of violence can literally destroy your moment”¹².

A fala de Popovic expressa a base da filosofia de Gene Sharp que sugere métodos não violentos para derrubar as ditaduras, segundo o autor, métodos violentos funcionam, mas os ditadores estão para esse tipo de luta, pronto para coerção, logo, a utilização de resistência sem o uso da violência desestabiliza com as autoridades. Sharp (2010) pega como exemplos as movimentações políticas Martin Luther King e Ghandi. De fato, causa surpresa para as forças de segurança se depararem com pessoas dançando, portando flores e entregando para eles, realizando encenações teatrais, tocando músicas ou sentadas no chão, ao invés confrontarem manifestantes enraivecidos, gritando palavras de ordem ou virando carros e jogando explosivos caseiros em suas cabeças. Sem dúvida, é eficiente, o Estado fica sem saber como reagir. Os cursos de formação de organizações como a *Otpor* ou *Kmara*, por exemplo, ensinam os tenentes a orientarem os simpatizantes a cooptarem os policiais. Ademais, o discurso do uso da resistência não violenta, aparentemente, tem a intenção de apontar que foi o povo organizado (e somente ele), dotado de táticas pacíficas, o responsável pela derrota de regimes violentos e opressores.

Mas, ao que parece, as falas públicas Srdja Popovic são tão planejadas como as manifestações que ajudou a promover, há algo de suspeito, parece um mantra, como se estivesse apontando que tal tática é a única, há uma tentativa de estabelecer a maneira “correta” de se rebelar. Sabemos que existem grupos que fazem uso de outros métodos, a impressão que nos dá é que qualquer outro tipo de ação que não venha ser aquela adotada pelas “revoluções coloridas” é ilícita, mas, por quê? Acreditamos que dessa forma é possível criminalizar os outros movimentos sociais, grupos com pautas mais progressistas e minorias, que realizam lutas domésticas históricas que nada tem relação com a pauta dos agentes externos no território alvo, aqueles serão os culpados e em uma conjuntura de guerra não convencional, podem sofrer graves retaliações. Não podemos nos esquecer que as “revoluções coloridas” são uma arma de guerra – da Guerra Híbrida – e atende interesses de nações imperialistas e mais, o modelo de democracia defendida é a burguesa-liberal. Além disso, aparentemente, há uma estratégia de marketing, a intenção é dizer ao mundo que as “revoluções coloridas” são resultado, apenas, da sociedade civil que se organizou contra governos tiranos.

Srdja Popovic passou a ser uma espécie de relações públicas das “revoluções coloridas”, acreditamos que estas *performances* públicas servem para escamotear a estrutura que está no apoio, ou seja, atores ligados ao governo estadunidense e vinculado a União Europeia. Pode ser mais uma ação de registro público do núcleo (que está agindo nas “sombras”), assim também é passada a impressão que estão conversando abertamente com os governos ocidentais para aderir futuras causas “revolucionárias”, assim como, ao palestrar sobre as “revoluções”, transmite a ideia de vanguarda, naturalizando os processos, criando consensos para atrair futuros simpatizantes. Trata-se de uma das operações psicológicas inerentes as “revoluções coloridas”. Acreditamos que o povo tem poder, não queremos subestimar tal força, mas estamos demonstrando que existem outros fatores por trás da “superfície” (as manifestações e protestos) das “revoluções coloridas”. Nas suas falas públicas não há menção as organizações que financiaram a sua causa, pelo contrário Popovic nega qualquer tipo de financiamento. Por quê?

Por fim, mas não menos importante, a base é composta pelo Instituto Albert Einstein (The Albert Einstein Instituto), responsável pela teoria que versa sobre os métodos não violentos. Aqui, é preciso dizer que tais métodos têm origem institucional e prático, é o que vem sendo vinculado nos dez anos em programas de TV, filmes, palestras e outros.

A origem institucional vem da atuação de Gene Sharp enquanto professor e pesquisador na Universidade de Harvard, as primeiras ideias sobre o método citado foram discutidas no programa que o autor ministrava em Harvard sobre ações não violentas, foi nesta instituição que o autor conheceu Robert Helvey, coronel do exército norte-americano e veterano da Guerra do Vietnã, dali foi produzida uma parceria duradoura. Helvey conta que a origem do livro está relacionada ao processo de luta, durante os anos de 1990, da Liga Nacional pela Democracia (LDN) contra a ditadura na Birmânia (atual Myanmar), Sharp foi convidado pelo militar estadunidense (que era consultor da LDN) e levado clandestinamente para o país com o objetivo de ensinar as técnicas não violentas para a oposição democrática e a resistência. Lhe pediu que escrevesse algum material que ensinasse-os a transitar da ditadura a democracia de maneira não violenta, esta foi a prática que inspirou Gene Sharp a escrever o livro¹³.

No entanto, o pesquisador e professor de Harvard afirma que não pode escrever algo específico sobre a Birmânia, pois não conhecia o país, mas decidiu produzir um livro cujas teorias pudessem ser aplicadas contra qualquer ditadura, também afirma que a obra foi publicada em inglês e birmanês, o livro foi criminalizado na Birmânia e se tornou uma obra clandestina, Sharp ainda diz que um estudante da Indonésia comprou um cópia e a levou para Jacarta e gerou distribuição da obra com o apoio de mulçumanos e contribuiu para democratização na Indonésia, que também estava sob domínio de uma ditadura, mas o autor não sabe como o livro se espalhou pelo mundo¹⁴.

Dessa forma, da conjuntura da Birmânia “nasceu” o livro “Da Ditadura à Democracia” e dali foi distribuído para outros países. Esta é a história oficial contada no documentário “Como começar uma revolução”, dirigido pelo jornalista escocês Ruaridh Arrow. Segundo Korybko (2015), o documentário em questão é mais um dos “produtos” produzidos por agências governamentais (e setores da grande mídia) para a apresentar versões “oficiais” sobre as “revoluções coloridas”, desde 2011, o Voice of America (VOA), o serviço oficial de radiodifusão internacional vinculado ao governo norte americano – e que opera exclusivamente no exterior – passou a dar crédito a teoria de Sharp, apontando que as táticas que descreve foram fundamentais para o sucesso das “revoluções” no norte da África, a notícia passou a ser replicada pela CNN e New York Times.

Nesse contexto, Srdja Popovic e a *Otpor* passaram a discursar em diferentes eventos públicos, reforçando a importância da teoria e ressaltando que a junção dos ensinamentos de Sharp e as ações da juventude, sob a orientação da *Otpor*, é o elemento central das “revoluções coloridas”. Seria coincidência? Assim como nas falas de Srdja Popovic, no documentário em questão há a ênfase de que por meio dos métodos não violentos foi e é possível derrubar diferentes ditaduras, embora apareçam as afirmações de os Estados Unidos terem interesse nas “revoluções”, o destaque é para o livro e a *Otpor*. Inclusive no documentário Robert Helvey relata que se encontrou em Budapeste com os membros do Instituto Nacional Republicano que estava auxiliando o movimento de oposição na Sérvia, nesse encontro conheceu o pessoal da *Otpor* (que segundo Helvey era parte do instituto) e o líder Srdja. Isso seria o início de tudo, foi a partir desse momento que a *Otpor* entrou em contato com os livros de Sharp e passou a praticar as técnicas.

Acreditamos que seja uma propaganda falsa, somente com as técnicas de Sharp e as ações de tenentes como a *Otpor* não é possível promover alterações governamentais, há “peças” faltando no quebra-cabeça. As “revoluções coloridas” são dotadas de complexa infraestrutura. Observando alguns aspectos da “revolução” Sérvia nota-se a mobilização de inúmeros atores, entre os quais a USAID, IRI, Open Society Foundations, o Konrad-Adenauer-Stiftung (KAS) e Office of Transition Initiatives (OTI), esta deu apoio na preparação e execução de procedimentos (Spoerri, 2015; Scherer, 2015).

O OTI, braço da USAID, foi dinâmico no processo de deposição, suas atividades foram realizadas entre julho 1997 e outubro de 2000. Os documentos da USAID demonstram que o objetivo era retirar Milosevic da presidência e preparou a queda do presidente em quatro fases, a primeira consistiu em dar apoio as forças de oposição, fortalecendo a mídia e dando suporte para as ONGs, o papel da mídia foi fundamental para impedir o presidente de conquistar maioria no parlamento em 1998; na fase dois houve a intensificação no suporte das ONGs na organização do processo de pressão da mídia em nome da abertura política e na cooptação da população para participar dos processos políticos, a terceira fase, entre agosto de 1999 e junho de 2000, colocou em prática ações da infraestrutura de informação, apoiou diretamente as organizações cívicas e a imprensa na distribuição de jornais, revistas, panfletos, produziu programas de rádio e televisão, organizou fóruns e manifestações contra o governo e deu suporte legais aos seus apoiadores, na quarta etapa (entre junho e outubro de 2000) deu apoio direto as lideranças políticas no municípios, partidos políticos e demais grupos da sociedade, instruindo-os no sentido de não entrarem em conflito direto com o governo (Scherer, 2015). Nas duas últimas fases, as táticas da “revolução colorida” já estavam sendo aplicadas.

A USAID, afirma Scherer (2015), fez um trabalho junto as minorias étnicas albanesas, na tentativa de conquistar a simpatia dessa população em relação a ajuda externa e diminuir a credibilidade do governo; fomentou uma rede descentralizadas de atuação das ONGs estadunidenses que passaram a atuar fora das capitais, assim, a presença da ajuda internacional se fez por todo território sérvio. Houve financiamento maciço da União Europeia e da USAID em empresas de rádio anti Milosevic, nos dezoito meses anteriores a queda do presidente, desembolsaram quase US\$ 80 milhões (Bandeira, 2013). A NED financiou grupos de mídia e associações, entre as quais a Radio B92, Association of Independent Electronic Media, que recebeu fundo para realizar a campanha “Rock for Change, Rock the Vote” e o Belgrado Centro para os Direitos Humanos que atuou convocando acadêmicos, jornalistas e ativistas para participarem diretamente da elaboração de políticas para a oposição (Sussman & Krader, 2008).

Desde 1998, ocorria financiamento aos partidos políticos dispostos a realizarem a oposição a Milosevic, criando a coesão contra o regime que ficou conhecida como Oposição Democrática na Sérvia, processo que facilitou na articulação parlamentar contra o presidente, esta que foi fundamental para as denúncias de fraude eleitoral e para realizar comoção na população, bem como para convocá-la às ruas para a que estrutura de mídia criada pelos agentes externos pudesse registrar as manifestações das massas contra o governo (Spoerri, 2015). A ONG denominada “Centro para Eleições Livres e Democracia (CeSid) trabalhou lado a lado com a aliança multipartidária da Oposição Democrática na Sérvia, o CeSid foi financiada pelo Open Society Foundations (Sussman & Krader, 2008). Portanto,

As demonstrações de massa testemunhadas em 2000 foram apenas o estopim de um processo de organização da oposição ao regime que iniciara na Sérvia em 1997. O *Otpor* [...] contou com amplo apoio midiático, técnico, de inteligência e financeiro de agentes externos a fim de organizar atividades contra o regime, tais como protestos de massa, panfletagem, agitação nas ruas, etc. (Scherer, 2015).

Assim, é uma falácia acreditar que as “revoluções coloridas” foram promovidas somente com base no poder do povo, puxada pela juventude organizada e com a utilização dos métodos não violentos de Sharp, como diz Srdja Popovic nas suas apresentações e falas para a mídia. A *Otpor*, *Kamara*, *Pora* e *KelKel* ocupam a posição de tenentes na estrutura organizacional das falsas revoluções, eles são os sujeitos públicos, são aqueles que vão “falar”, seus membros é que vão ser presos e visados pelos governos, são os símbolos aglutinadores, são os agentes visíveis. Há um movimento público da *Otpor* realizando uma alto promoção e defesa do método não violento como se este fosse o todo, pois a intenção é esconder a engenharia por trás de uma arma de guerra (“revoluções coloridas”) e, especialmente, camuflar o núcleo.

O núcleo é quem comanda, como aponta Korybko (2015), quando decidem iniciar uma “revolução colorida” podem aparecer fazendo discursos motivadores em favor da revolução ou podem continuar organizando o movimento nas sombras. Não temos nada contra o poder do povo ou a organização dos jovens em favor da democracia, mas estamos tentando dizer que as “revoluções coloridas” são armas geopolíticas, há uma infraestrutura complexa.

Genericamente sabe-se que o governo norte-americano tem interesse nelas, a União Europeia também, mas quem são especificamente os interessados? O governo norte-americano é composto por diversos setores de poder. Qual membro da União Europeia? Os aspectos da rede internacional de “revoluções” que aqui estamos demonstrando tem no topo, o comando agências do Estado norte-americano (USAID e CIA), mas elas atendem os interesses de quem? Quais frações das classes dominantes dos Estados Unidos? Quais setores do Governo Americano ou da UE? Quais deputados e/ou senadores estão envolvidos? Quais as redes existentes entre tais sujeitos nos países alvos?

Os financiadores, aparentemente, são as organizações e institutos vinculados ao ocidente e ao governo estadunidense, isto é, a NED (por meio de suas instituições fundadoras: NDI, CIPE, SC e IRI), Freedom House e a Open Society Institute, que também realizam as atividades de ajuda humanitária, que é o mote para iniciar as etapas de apoio em território do país alvo; logo, aparentemente, cumprem o que se propõem a realizar, acolhem as minorias, os setores da sociedade que estão a margem, protegem os direitos do seres humanos, promovem ações de desenvolvimento, mas as atividades são paradoxais, dúbias, como relatamos ao longo do texto, bem como atuam para derrubar o governo através de programas oficiais, como fez a OTI. No que tange a *Otpor* e suas versões, estas organizações não são núcleos, a *Otpor* e as técnicas de Sharp, são o instrumento midiático das “revoluções coloridas” e não a infraestrutura do processo. Os métodos não violentos e a mobilização de tenentes estão associadas as técnicas de enxame (desenvolvida, na década de 1960, pela RAND Corporation com apoio de CIA) e consistem na etapa pública que precede a derrubada do governo, as manifestações e protestos, estão vinculadas ao processo de preparação que as antecedem e das redes criadas para romper com a ordem, quando as células (ou “bandos”) tomam as ruas, setores de mídia, parlamentares, setores das forças de segurança já foram cooptados, a imprensa internacional já tem o discurso preparado e milhões de dólares já foram gastos. Portanto, a “revolução colorida” não pode ser reduzida aos métodos e a ação dos tenentes conduzindo os civis (simpatizantes).

4. Considerações Finais

O fenômeno conhecido como “revolução colorida” é complexo e envolve uma rede de atores que se movimentam no sistema internacional e nos ambientes domésticos, há um elemento unificador entre tais escalas que é a democracia. A princípio há uma rede internacional cujos membros estão instrumentalizando as instituições democráticas para depor governos, este processo, aos moldes atuais, foi lugar comum nas duas primeiras décadas do século XXI, com indícios do seu transcorrer no Leste Europeu, Ásia central, no Norte da África e Américas e está relacionado as mudanças da ordem mundial.

Não foi nossa intenção defender ou acusar atores ou os regimes políticos, no entanto, a nossa investigação demonstra que de forma direta e indireta instituições e organizações vinculadas aos Estados Unidos e a União Europeia participaram das mudanças de regime nos Estados alvos atingidos pelas “revoluções coloridas”. O que nos leva a concluir que tais eventos são parte de uma estratégia de guerra velada em territórios chave do tabuleiro geopolítico mundial. Não analisamos os casos individualmente, mas é visível que as mudanças de governo e as tentativas coincidem com regiões importantes para a manutenção de uma ordem com valores ocidentais, em especial a democracia representativa burguesa (ocidental), mas sobretudo, a ordem capitalista regida pelos Estados Unidos.

A investigação, por meio da análise de alguns dos aspectos da estrutura das “revoluções coloridas”, nos demonstrou que os governos atingidos pelos enxames “democráticos”, ou estavam em territórios ricos em recursos naturais ou eram governos que não apoiavam a política externa EUA/UE ou estavam se articulando em direção a outros eixos hegemônicos.

No entanto, essas “coincidências” não eram o foco de nossas análises, embora apareçam direta e indiretamente na discussão, nossa intenção foi demonstrar a infraestrutura que gerou as condições para o desenvolvimento e execução das “revoluções coloridas”, logo, esses eventos “democráticos” de sublevação popular ocorridos ao redor do mundo não foram necessariamente revoltas organizadas por setores da sociedade civil descontentes com governos considerados opressores, antigos e ditatoriais.

Há por trás das “revoluções coloridas” um conjunto de instituições governamentais e não governamentais dando apoio financeiro e logístico na execução de golpes de Estado, golpes brandos. Atores como USAID, NED, OTI, Freedom House e a Open Society Institute, *Otpor* (e suas versões nacionais) participam de uma rede internacional que instrumentaliza valores e instituições vinculadas a democracia para derrubar governos considerados não alinhados ao eixo EUA/UE ou importantes estrategicamente para estes.

Nós demonstramos que nas “revoluções coloridas” foram utilizadas as táticas não violentas de Gene Sharp, combinadas com técnicas de enxame, métodos que foram pensados para derrubar ditaduras, no entanto, os protestos com tais características foram registrados em governos eleitos democraticamente pelo povo, a título de exemplo, no Brasil as manifestações de junho de 2013 possuem inúmeros elementos de sublevação ao modelo “revolução colorida”, elas foram responsáveis pela queda de popularidade da presidenta Dilma, esses eventos possibilitaram a consolidação do cenário para o seu *impeachment* em 2016; a Nicarágua passou por processo parecido, Daniel Ortega também eleito de forma democrática sofreu tentativa de golpe com moldes de “revolução colorida”; na Venezuela também ocorreram articulações para desencadear uma revolta “colorida”, na época Chavez denunciou a *Otpor*, ele também foi eleito pelo povo; na Bolívia, Evo Morales teve que entregar o cargo, os observadores internacionais denunciaram uma suposta fraude nas eleições que havia recém vencido, esse discurso foi utilizado na Sérvia, na Geórgia, e outros territórios atingidos por tais revoluções. Assim, o que é uma Ditadura? Por que governos democráticos eleitos passaram por tais processos? O levantamento que realizamos demonstra que agências de Estado estadunidenses estavam envolvidas nos processos.

É preciso ficar atento para o discurso que está sendo vendido há mais de dez anos sobre essas “revoluções”, a *Otpor* ou outros grupos apontados internacionalmente como vanguardas na luta em nome da democracia não estão realizando sozinhos tais mudanças, há financiamento pesado de agentes externos interessados nos processos, há sabotagem, compra de setores de mídia, cooptação de parlamentares, utilização de programas oficiais de ajuda humanitária para promover operações nas “sombras” no sentido de interferir em assuntos domésticos e o mais perigoso, as potências hegemônicas estão querendo estabelecer a estrutura democrática que é de interesse para as mesmas.

Em suma, há uma guerra em andamento cujos atores centrais estão se utilizando da democracia para pô-la em prática, logo, a principal arma são os golpes sob a roupagem de “revoluções coloridas”. Os “gritos vem da superfície, mas o perigo vem das “sombras”. Vigiai!

Referências

- André, L. A. (2020). Ensaio - Guerra Híbrida à Brasileira: Das Jornadas de 2013 às perspectivas para a próxima década! RM Editoriais & Revisões.
- Arquilla, J.; Ronfeldt, D. F. (2000). *Swarming and the Future of Conflict*. Santa Monica, CA: RAND.
- Barbosa, L. C. B. (2018). *Conquistando Corações e Mentes: uma análise da National Endowment for Democracy (NED) no Equador (2006-2016)*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC.

- Balleteros, C. (2018). Trump State Department Accused of Abandoning Global Democracy in New Budget. <https://www.newsweek.com/state-department-democracy-promotion-funding-rex-tillerson-830858>>.
- Bandeira, L. A. M. A. (2014). Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos - das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Beissinger, M. R. (2007). "Structure and Example in Modular Political Phenomena: The Diffusion of the Bulldozer/Rose/Orange/Tulip Revolutions". *Perspectives on Politics* 5 (2): 259-276. Copy at <http://https://tinyurl.com/y8h5gy6e>
- Bunce e Wolchik (2006) Favorable Conditions and Electoral Revolutions. *Favorable Conditions and Electoral Revolutions. Journal of Democracy*, 17 (4). 5-18.
- Carvalho, D. V. (2019). Na rota das contra-revoluções "coloridas". https://resistir.info/v_carvalho/c_revolucoes_coloridas.html
- Carothers, T. Taking stock of democracy assistance. In: Cox, M.; Ikenberry, G. J.; Inoguchi, T. (Ed.). *American democracy promotion: impulses, strategies and impacts*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- Chaulia, S. (2006). Democratization, NGOs and 'Color Revolutions'. <https://archive.globalpolicy.org/ngos/state/2006/0119color.htm>
- Engdahls, F. W. (2016). Washington Tries to Break BRICS – Rape of Brazil Begins. <http://www.informationclearinghouse.info/article45561.htm>
- Ehret M. (2019) As origens anglo-americanas das revoluções coloridas & da NED. https://resistir.info/crise/rev_coloridas_17ago19.html
- Endahl, F. W. (2020). A Revolução Colorida da própria América | William Engdahl. Dossier Sul. <https://dossiersul.com.br/a-revolucao-colorida-da-propria-america-william-engdahl/>
- Engdahl, F. W. (2009). Full Spectrum Dominance: Totalitarian Democracy. In *The New World Order*. Edition Engdahl Wiesbaden.
- Fagundes, G. K. (2020). A tentativa de Golpe de Estado na Nicarágua em 2018, (Trabalho de Conclusão de Curso). Departamento de História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (6a ed.), Atlas.
- Hammes, X. T. (2004). *The Sling and The Stone: on War in the 21st Century*. Zenith Press.
- Hatch, B. (2019). The Future of Strategic Information and Cyber-Enabled Information Operations. *Journal of Strategic Studies*, 12 (4). 69-89. https://scholarcommons.usf.edu/jss/vol12/iss4/4/?utm_source=scholarcommons.usf.edu%2Fjss%2Fvol12%2Fiss4%2F4&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages.
- Hale, H. (2005). Democracy, Autocracy and Revolution in Post-Soviet Eurasia. *Cambridge University Press*, 58(1). 133-165. [eurasia/25923B742010160EC4331966AFE64260](https://doi.org/10.1017/S0022216X05001606)
- Neuenfeld, M. E. (2021). Estratégia Nacional e Poder Cibernético: o ressurgimento da Rússia no cenário internacional (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- Reed, J. D. (2008). Beyond the War on Terror: Into the Fifth Generation of War and Conflict. *Studies in Conflict & Terrorism*, 31(8) 684-722. Recuperado de <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10576100802206533>.
- Sharp, G. (2010). *Da ditadura à Democracia. Uma Estrutura Conceitual para a Libertação*. East Boston: The Albert Einstein Institution.
- Sharp, G. (2010). *There Are Realistic Alternatives*. Boston: Albert Einstein Institution.
- Scherer, C. (2015). Revoluções Coloridas na Sérvia, Geórgia, Azerbaijão e Bielorrússia (2000-2006): Promoção à democracia ou mudança de regime? (Trabalho de conclusão). Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, Porto Alegre, RS.
- Simonov, V. (2005). Russia Devises Protection Against Color Revolutions. *Ria Novosti*.
- Sporri, M. (2015). *Engineering Revolution – The Paradox of Democracy Promotion in Serbia*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, Philadelphia.
- Souza, J. (2020). *A guerra contra o Brasil: como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil.
- Sussman, G; Krader, S. (2008). Template Revolutions: Marketing U.S. Regime Change in Eastern Europe. *Westminster Papers in Communication and Culture*, 5 (3), pp. 91–112.
- MacKinnon, M. (2007). *The New Cold War*. Carroll and Graf.
- Nicarágua. Golpe de Estado (2018). UNAN Delinquents Stage an Attack. <https://www.youtube.com/watch?v=Vb72PP4Td9E>>.
- Crozier, M. Huntington, S. P., Watanuki, J. *The Crisis of Democracy*. <https://archive.org/details/TheCrisisOfDemocracy-TrilateralCommission-1975/page/n1/mode/2up>
- Floresti, F. (2018). Manifestações de 'Junho de 2013' completam cinco anos: o que mudou? <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2018/06/manifestacoes-de-junho-de-2013-completam-cinco-anos-o-que-mudou.html>

Jornal do Comércio (2019). Guarda-chuva se firma como símbolo em novos protestos. https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/internacional/2019/06/688870-guarda-chuva-se-firma-como-simbolo-em-novos-protestos.html

Lit-Qi (2018). 5 anos de revolução ucraniana: subestimada, incompreendida e caluniada. <https://www.pstu.org.br/5-anos-da-revolucao-ucraniana-subestimada-incompreendida-e-caluniada/>

Lilly, B & Cheravitch, J. (2020). The Past, Present, and Future of Russia's Cyber Strategy and Forces. Conference on Cyber Conflict (CyCon). <https://ieeexplore.ieee.org/document/9131723>.

Leirner, P. C. (2020). O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. São Paulo: Alameda.

Ortega, F. A. (2009). As Revoluções Coloridas e seus reflexos em política externa. (Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais). PPG-RI San Tiago Dantas, São Paulo, SP.

Mackinder, H. (1904). The Geographical Pivot of History. https://www.iwp.edu/wp-content/uploads/2019/05/20131016_MackinderTheGeographicalJournal.pdf

MacKinnon, M. (2007). The New Cold War: Revolutions, Rigged Elections and Pipeline Politics in the Former Soviet Union. Random House Canada.

Michael McFaul (2005). Transitions from Postcommunism. *Journal of Democracy*, 16 (3). 5-19. Recuperado de <https://www.journalofdemocracy.org/wp-content/uploads/2012/04/McFaul-16-3.pdf>

Korybko, A. (2015). Guerras híbridas, das revoluções coloridas aos golpes. 2018. Editora Expressão Popular.

Kuehl, T. (2002). Information Operations, Information Warfare, and Computer Network Attack: Their Relationship to National Security in the Information Age. *International Law Studies*, 76. <https://digitalcommons.usncw.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1400&context=ils>.

Van Neikerk, B. & Maharaj (2013). Social Media and Information Conflict. *International Journal of Communication*, 7, 1.162-1184. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1658>.

✉ Não vamos nos aprofundar no tema agora, mas a fase pré-bolsonarista de “revoluções coloridas” no Brasil, que teve o auge nas “Jornadas de Junho” de 2013 está mais próxima das técnicas e estratégias que aqui vamos debater, ademais, há elementos que mostram que agentes externos estavam envolvidos no processo (SOUZA, 2020). A partir de 2015, houve uma apropriação das técnicas no âmbito doméstico, nesse contexto, as articulações estavam relacionadas ao consórcio militar que atualmente governa o país (Leirner, 2020).

² Aqui, uma observação nossa. A ideia de nação e família é de grande valia para o governo Bolsonaro, em parte explica a insistência de seus quadros na defesa da conservação de valores mais tradicionais, dessa forma, tenta sensibilizar grande parte da população brasileira.

³ O Escritório de Iniciativas de Transição (OTI), apoia metas e objetivos da política externa estadunidense, trabalhando com parceiros locais em questões relacionadas a democracia, o órgão está vinculado a Usaid.

⁴ O Negócio da Revolução | The Revolution Business legendado. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=y25RdS7MWvY>>. Acesso 22/05/2022

⁵ A impressão de que as manifestações são tranquilas e cotidianas desperta o sentimento nas pessoas de que é acolhedora e como as mídias sociais atuam registrando as ações ininterruptamente, passam a ideia para os cidadãos que podem aderir a qualquer momento, logo, as pessoas se programam para participarem dos atos, assim, podem cumprir um dia de trabalho e depois do expediente e depois se juntarem aos demais manifestantes, bem como, por suas redes de mídias sociais e virtuais fazem circular as mensagens de apoio, as convocações e a ideologia dos articuladores das revoluções coloridas.

⁶ Vamos reproduzir algumas das ações na íntegra, sem alterações, da maneira como está na versão do livro que estamos utilizando como referência, assim como, mantivemos a numeração original dos métodos.

⁷ Vandalismo de Estado - Policiais Infiltrados Começam Violência nos Protestos do Rio #EagoraCabral? Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xK9ZdV1Ao-4>>. Acesso 25 mai. 2022.

⁸ O Negócio da Revolução/The Revolution Business legendado. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=y25RdS7MWvY>>.

⁹ O Negócio da Revolução/The Revolution Business legendado. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=y25RdS7MWvY>>.

¹⁰ O Negócio da Revolução/The Revolution Business legendado. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=y25RdS7MWvY>>.

¹¹ TEDxKrakow - Srdja Popovic - How to topple a dictator. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Z3Cd-oEvEog>>.

¹² TEDxKrakow - Srdja Popovic - How to topple a dictator. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Z3Cd-oEvEog>>.

¹³ Como Iniciar uma Revolução. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jqtTc_CMIJg&t=777s>.

¹⁴ Como Iniciar uma Revolução. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=jqtTc_CMIJg&t=777s>.